

**UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI**

**FILOZOFICKÁ FAKULTA**

Katedra romanistiky

**A TRADUÇÃO COMENTADA DO CONTO  
“O COBRADOR” DE RUBEM FONSECA**

**Bakalářská práce**

**Jan BALÍK**

Bakalářské studium

Student 3. ročníku bakalářského studia portugalské a anglické filologie

Akademický rok 2009/2010

Vedoucí práce: PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

OLOMOUC 2010

## **Prohlášení**

Prohlašuji, že jsem bakalářskou práci vypracoval samostatně a použil jen uvedenou literaturu a elektronické zdroje.

V Olomouci dne 16. srpna 2010

.....

Jan Balík

### **Poděkování**

Děkuji především PhDr. Zuzaně Burianové, Ph.D. za vstřícnou pomoc a ochotu, díky které jsem tuto práci mohl dokončit. Děkuji také všem ostatním, kteří mne v průběhu psaní práce podporovali.

# ÍNDICE

1. Introdução.....	5
2. A vida e obra de Rubem Fonseca.....	6
2.1 O autor.....	6
2.2 A escrita.....	7
3. Análise do conto “O Cobrador”.....	12
4. Tradução do conto “O Cobrador”.....	16
5. Comentário da tradução.....	35
6. Conclusão.....	41
7. Resumo.....	42
8. Bibliografia.....	43
9. Anexos.....	45
9.1 Bibliografia completa do autor.....	45
9.2 Bibliografia da obra publicada em checo.....	46
9.3 Texto do conto em original.....	47

## 1. Introdução

Este trabalho propõe dedicar-se à tradução comentada do conto “O Cobrador” do escritor brasileiro contemporâneo Rubem Fonseca.

A vasta obra deste autor, já conhecido pelo público checo<sup>1</sup>, merece uma atenção excepcional, porque foi aceita não somente nos meios literários e acadêmicos, mas principalmente pelo público geral.

Quanto à estrutura do nosso trabalho, começaremos a tese por necessários dados biográficos do autor, seguidos pela apresentação da sua obra completa e da análise do conto escolhido. O quarto capítulo vai ser dedicado à própria tradução do português brasileiro para o checo e no quinto capítulo vamos nos ocupar com o comentário das dificuldades da própria tradução. O maior destaque vamos pôr aos problemas da tradução que surgiram por causa da realidade diferente do Brasil e da República Checa. A solução destes problemas foi dirigida pela tentativa de, por um lado, manter o tom exótico do texto para o leitor checo e realizar assim uma tradução fiel ao texto original e, por outro lado, fazer o texto compreensível, transmitindo a sua atmosfera e carga emotiva especial. No final desta tese encontram-se os anexos, incluindo a lista de bibliografia completa do autor e o conto em original.

---

<sup>1</sup> A bibliografia completa da sua obra publicada em checo encontra-se nos anexos desta tese, p. xx.

## 2. A vida e obra de Rubem Fonseca

### 2.1 O autor

José Rubem Fonseca é considerado um dos mais significantes contistas e romancistas em actividade no Brasil. Ao longo da sua carreira, ele recebeu vários prémios literários. Em 2003, ele foi agraciado com o Prémio Luís de Camões, concedido pelos governos de Portugal e do Brasil e considerado o Nobel da língua portuguesa.

Na vida privada, Rubem Fonseca é uma pessoa extremamente reservada e discreta que não gosta de dar entrevistas e nem costuma deixar-se fotografar, e por isso não é fácil compor uma biografia dele. Ele é até tão retraído do público, que os jornalistas costumam chamá-lo “a Greta Garbo das letras”<sup>1</sup>. Todavia, não se trata de um fenómeno esporádico entre os escritores, pois por este comportamento são conhecidos, por exemplo, os norte-americanos Jerome David Salinger<sup>2</sup> ou Thomas Pynchon<sup>3</sup>, o segundo sendo até o amigo de Fonseca. Os dados seguintes são então mais propriamente os factos informativos porque, como Rubem Fonseca acredita, a verdadeira biografia de um escritor está nos seus livros.

José Rubem Fonseca nasceu em Juiz de Fora no estado de Minas Gerais em 1925. Formou-se em direito pela antiga Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, cidade onde mora desde os 8 anos de idade. Exerceu várias actividades antes de dedicar-se inteiramente à literatura,

---

<sup>1</sup> o nome dado, por exemplo, pelo jornalista Geneton Moraes Neto.  
([http://escritores.folha.com.br/rubem\\_fonseca-curiosidades.html](http://escritores.folha.com.br/rubem_fonseca-curiosidades.html))

<sup>2</sup> autor (1919-2010) de *O Apanhador no Campo de Centeio* (1951), quem se tornou recluso depois do sucesso dos seus livros e nunca mais apareceu em público mais de 50 anos

<sup>3</sup> autor (1937) pós-moderno, do qual nem se conhece a face

entre elas a de comissário de polícia, em São Cristóvão no estado do Rio de Janeiro. Ele actuou pouco tempo nas ruas, sendo policial de gabinete durante a maior parte do tempo em que trabalhou, até ser exonerado por acúmulo de funções, em 1958.

Depois, ele estudou administração e comunicação nas universidades de Nova York e Boston nos Estados Unidos. Foi também professor de relações públicas da polícia na Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro e escreveu críticas de cinema na revista *Veja*.

Após sair da polícia, Rubem Fonseca trabalhou na Light<sup>1</sup> até se dedicar inteiramente à literatura. Ele é viúvo e tem três filhos. Agora mora em um prédio localizado a poucos metros do mar no bairro Leblon no Rio de Janeiro, escreve diariamente, no seu notebook, das quatro às oito horas da manhã. Em seguida, parte para sua caminhada matinal pelas ruas.

## 2.2 A escrita

A carreira literária do autor inicia-se com a publicação do livro de contos *Os Prisioneiros*, em 1963. Já com este seu primeiro livro Fonseca inaugurou uma nova corrente literária, definida por Alfredo Bosi em *O conto brasileiro contemporâneo*<sup>2</sup> como “brutalista”. Nela, a violência é o tema principal. As narrativas caracterizam-se pelas descrições da violência social na vida quotidiana entre personagens marginais. Outro traço significativo do “brutalismo” é o espaço urbano, porque a representação da violência na literatura brasileira já teve como cenários privilegiados o interior, o sertão. Agora, os protagonistas principais, os cangaceiros, jagunços e vaqueiros, são

---

<sup>1</sup> uma empresa gigante da energia eléctrica no Rio de Janeiro

<sup>2</sup> Bosi, Alfredo, *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1975.

trocados por bandidos, prostitutas, policiais corruptos e mendigos. Outros aspectos peculiares do *brutalismo* são a influência do género policial<sup>1</sup>, bem como a presença do indivíduo isolado, desiludido e hostil ao mundo. A violência penetra também na linguagem por meio de número elevado de gíria e vulgarismos.

*Os Prisioneiros* foi seguido de mais duas colecções de contos, *A Coleira do Cão* (1965) e *Lúcia McCartney* (1967), ambas escritas no mesmo estilo como a primeira colectânea. Nelas, o autor faz um aproveitamento quase directo da crónica policial, mas também aparecem o humor e a ironia, que são notas pessoais do autor. O conto titular de *Lúcia McCartney* foi transformado no filme do mesmo nome<sup>2</sup> e também chegou ao teatro, tornando-se uma adaptação mais famosa de Fonseca.

Após dez anos dedicados ao género conto, Rubem Fonseca estreou-se em 1973 como romancista com *O Caso Morel*, o seu único romance directamente influenciado pela linha brutalista. O livro mostra o embate de Paul Morel, um artista de vanguarda dos anos 70, típico pelas excentricidades, com escritor. Morel está preso e de sua cela narra histórias cheias de violência policial, repressão sexual, luta de classes, drogas e pornografia. Com estes temas, até então pouco explorados por outros escritores, e a linguagem precisa e agressiva, o autor já começou a atrair a atenção da lupa da censura do regime autoritário de então, mas neste caso ainda conseguiu escapá-la.

Dois anos depois, o seu livro seguinte já não teve tanta sorte. A circulação do livro *Feliz Ano Novo* chegou a ser proibida em todo o território

---

<sup>1</sup> Um género literário que se caracteriza, em termos de sua estrutura narrativa, pela presença do crime, da investigação e da revelação do malfeitor. Acredita-se que o género começou em 1841 com a publicação de *The Murders in the Rue Morgue* de Edgar Allan Poe

<sup>2</sup> 1971, dirigido por David Neves, (<http://www.imdb.com/title/tt0067362/>)

nacional pela censura do regime militar<sup>1</sup>, e o autor foi acusado de fazer apologia da violência. Rubem Fonseca mostra no livro, que a violência atravessa todos os estratos sociais, inclusive os privilegiados, tal como se pode ver por exemplo no conto *Passeio Noturno I e II*, no qual o protagonista é um homem de classe média alta, casado, pai de dois filhos, que sente prazer em atropelar pessoas desconhecidas com o seu carro luxuoso. Esses contos possuem uma linguagem expressiva e agressiva, mas a censura não foi gerada somente pelos palavrões utilizados nos textos, mas também pela exposição impiedosa da realidade. Apenas em 1989 o público brasileiro pôde adquirir nas livrarias os novos exemplares de *Feliz Ano Novo*.

O livro seguinte, *O Cobrador*, cujo conto titular vamos analisar no capítulo que se segue, confirma o que se destacou de melhor na obra de Fonseca até aqui. Depois desta colectânea de contos, publicada em 1979, ele abandona não somente o estilo brutalista, mas também o género conto, porque na próxima década ele vai dedicar-se exclusivamente aos romances.

No romance *A Grande Arte* (1983), Fonseca explora os efeitos psíquicos, sociais e estéticos da violência urbana. Neste romance o escritor aproveita a experiência ganhada durante sua carreira na polícia.

A temática do romance seguinte, *Bufo & Spallanzani* (1986), é o próprio fazer literário, ou seja, é a história do nascimento de um romance que vai sendo contada. É um romance cheio de citações de e sobre outros autores e livros e assim prova uma erudição literária enorme do autor.

Em *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (1988), o único romance do autor traduzido para o checo<sup>2</sup>, Rubem Fonseca faz o aproveitamento do que se

---

<sup>1</sup> Ditadura Militar (1964-1985) era um período da política brasileira em que os militares governaram o Brasil. Caracterizou-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime.

<sup>2</sup> *Mocné vášně a nedokonalé myšlenky*, Praha: Argo, 2006. Traduzido por Pavla Lidmilová.

demonstra na obra dele desde os primeiros contos, ou seja, da influência da linguagem cinematográfica. Aqui ele narra uma história cujo protagonista principal é um cineasta que está a filmar *A Cavalaria Vermelha* de Isaac Babel<sup>1</sup>. O autor mistura os acontecimentos históricos da vida de escritor russo com os elementos ficcionais da obra do cineasta.

A história através da ficção é também o tema no romance *Agosto (1990)*, o seu livro mais famoso, em que ele retrata as conspirações que resultaram no suicídio do presidente Getúlio Vargas, em 1954.

Depois de quatro romances, Rubem Fonseca volta ao género que lhe garantiu o estatuto de um dos melhores contistas brasileiros da actualidade. Nos contos de *Romance Negro e outras Histórias (1992)* ele discute a questão do artista e da relação entre vida e obra, literatura e experiência. Esta colectânea é considerada a mais sofisticada reunião de contos do escritor carioca. Alguns dos contos do livro foram publicados em checo juntamente com uns da colectânea seguinte, *O Buraco na parede (1995)*<sup>2</sup>.

Em relação à obra de Fonseca, fala-se também do estilo “noir”, nomeadamente por causa da personagem do detective Mandrake, quem é frequentemente comparado com outra famosa personagem literária, Phillip Marlowe, detective criado por Raymond Chandler, um dos pioneiros deste estilo. Mandrake, o detective cínico de Fonseca, é também oposto aos detectives tradicionais, tem relações com álcool e mulheres e acredita mais na intuição do que nos métodos lógicos.

Neste milénio Rubem Fonseca publicou vários outros contos e romances, dos quais se destacam nomeadamente a colectânea *Secreções, excreções e desatinos*

---

<sup>1</sup> Escritor russo (1894-1940), considerado um dos melhores contistas de sempre. Também um dos ídolos literários de Fonseca.

<sup>2</sup> *Černý román a jiné povídky*, Praha: Argo, 2001. Traduzido por Pavla Lidmilová e Šárka Grauová.

(2001), e o romance *Mandrake, a Bíblia e a Bengala* (2005) <sup>1</sup>, com detective Mandrake.

Como já vimos por exemplo no caso de *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*, Rubem Fonseca tem um interesse profundo na arte cinematográfica. Ele escreve roteiros para filmes, muitos deles foram premiados: podemos mencionar roteiros para *Bufo & Spallanzani*<sup>2</sup>, *A Grande Arte* <sup>3</sup> ou *O homem do ano*<sup>4</sup>, baseado no romance *O Matador* de Patrícia Melo. *O Homem do ano* foi até dirigido pelo filho de Fonseca, José Henrique, quem também transformou *Mandrake* e *Agosto* em uma série para a televisão HBO. O director mexicano Paul Leduc dirigiu em 2006 o filme *Cobrador: In God We Trust*<sup>5</sup>, que é uma adaptação de três contos de Fonseca: *Passeio Noturno*, *Cidade de Deus* e *O Cobrador*.

---

<sup>1</sup> Bibliografia completa do autor encontra-se nos anexos desta tese, p.47.

<sup>2</sup> 2001, dirigido por Flávio Tambelini, (<http://www.imdb.com/title/tt0264446/>)

<sup>3</sup> 1991, dirigido por Walter Salles, (<http://www.imdb.com/title/tt0101834/>)

<sup>4</sup> 2003, dirigido por José Henrique Fonseca, (<http://www.imdb.com/title/tt0312773/>)

<sup>5</sup> 2006, dirigido por Paul Leduc, (<http://www.imdb.com/title/tt0462230/>)

## 4. Análise de conto “O Cobrador”

“O Cobrador” é o conto titular da coletânea publicada em 1979, então na época da obra de Fonseca que os críticos literários chamam de brutalista. Neste texto o autor descreve detalhadamente uma série de actos de violência com a finalidade de chocar os leitores, que é uma de suas qualidades mais brilhantes. Todavia, o ficcionista não quer somente chocar o leitor; descrevendo a violência com todas as subtilezas e temas associados, transforma-a em crítica social, mostrando-nos a situação quotidiana do meio urbano.

Este conto particular foi também vetado pela censura do Regime Militar, mas somente para publicação em revista e não para publicação em livro. Esse fato tem a ver com o menor número de leitores de livros em relação com os de revistas e jornais, porque *“quanto mais público uma produção cultural pudesse ter, mais ela seria alvo da censura”*<sup>1</sup>.

O conto está escrito na primeira pessoa no tempo presente. A forma de narração é rápida, as transições de uma cena para outra são feitas sem explicações, de uma maneira natural, cinematográfica. Há muitos traços típicos de Fonseca aqui, inclusive suspense, ironia, erotismo, o motivo da solidão do indivíduo que vive na grande cidade, mas também passagens líricas.

O protagonista-narrador, cujo nome não nos é revelado, é um homem marginal que pratica actos de violência porque acredita que a sociedade lhe deve algo. Tudo o que ele deseja e não tem como obter cobra com violência e assassinatos e por isso se auto-intitula Cobrador. No seu caminho de justiça, ele destrói o consultório de um dentista, atira em um homem em Mercedes, mata um executivo, estupra uma mulher no apartamento dela e sequestra um casal

---

<sup>1</sup> Sandra Reimão, Os contos “Mister Curitiba” e “O cobrador” – notas sobre a censura durante a Ditadura Militar, (<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0264-1.pdf>)

da alta sociedade, matando a mulher e degolando o homem, como via nos filmes e sempre desejou fazer igual. Além disso, ele conhece uma moça, chamada Ana, que, apesar de ser rica, mostra-se interessada por ele e ambos começam a ter um relacionamento, apoiados pela proprietária da casa em que o Cobrador mora. Ana apoia os seus crimes e vai auxiliá-lo, planejando juntos uma destruição em massa, o que é visto por eles como um tipo de missão.

A linguagem utilizada pelo personagem Cobrador é cheia de palavrões e gíria. O conhecimento desta linguagem por Fonseca pode ser explicada pela experiência policial do autor, quando ele litigou para salvar da injustiça os marginalizados sem dinheiro e teve a oportunidade de penetrar na mente deles. A linguagem do narrador mostra também uma certa erudição. “*Chama-se Ana. Gosto de Ana, palindrômica.*” (p.55)<sup>1</sup> O leitor não sabe muito do passado do Cobrador, mas, como o autor indica, ele deve ter recebido alguma educação: “... *meu colégio foi o mais noturno de todos os colégios noturnos do mundo*”. (p.50) Todavia, este trecho pode ironicamente significar o oposto, sendo uma metáfora duma infância ruim. De mesma maneira, o leitor pode somente adivinhar a cor da pele do narrador, embora o trecho seguinte indique que ele possa ser mulato: “*A mão dele era branca, lisinha, mas a minha estava cheia de cicatrizes...*” (p.49) A oposição aqui é, ainda que implicitamente, quase óbvia, e adiciona mais um motivo para ele sentir-se marginalizado.

Em alguns momentos, apesar de ser um assassino em série, o narrador é capaz de extrema bondade. Ele cuida de uma mulher inválida, para quem ele tem muito carinho e a quem até dá injeções. “*E depois de três anos deitada, só se levanta para fazer pipi e cocô.*” (p.55) Por termos infantis como *fazer pipi e coco* podemos ver o carinho de que ele é capaz. “*Qualquer dia dou-lhe um tiro na*

---

<sup>1</sup> Todas as citações do livro são da edição: Fonseca, José Rubem. *O Cobrador*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1979.

*nuca.*" (p.56) É óbvio que este tiro na nuca seja mais misericordioso que violento. *"Sou uma pessoa tímida, tenho levado tanta porrada na vida."* (p.53) Ele é aparentemente um homem sensível, mas aqui é preciso sempre lembrar que se trata de um "autêntico psicopata niilista"<sup>1</sup>.

Não é por acaso que ele encontra o seu amor na praia. *"Na praia somos todos iguais, nós os fodidos e eles."* (p.54) A praia é, segundo ele, o único lugar de igualdade social. É um local, onde somos todos desprovidos da nossa "carcaça" social. *"Até que somos melhores pois não temos aquela barriga grande e a bunda mole dos parasitas."* (p.54) É esta visão que lhe dá coragem para pôr-se em contacto com a moça de alta sociedade, que representa justamente a classe contra a qual ele tem lutado.

O personagem principal também critica os meios de comunicação de massa. *"Quero muito pegar um camarada que faz anúncio de uísque."* (p. 49) O seu ódio aumenta quando ele assiste a programas da televisão e vê a classe média-alta. *"... os olhos dela já estão empapuçados de beber porcarias e ler a vida das grã-finhas na revista Vogue."* (p.50) Estes meios de comunicação de massa só exibem os artigos de luxo que não podem ser adquiridos por todos e assim fornecem o ódio de classe.

O símbolo destes artigos de luxo são os dentes. O conto começa com uma visita de dentista, onde o protagonista não paga e somente cobra o que a sociedade lhe deve. O motivo dos dentes depois aparece várias vezes ao longo do conto. *"... e sorri com todos os dentes, os dentes dele são certinhos e são verdadeiros, e eu quero pegar ele com a navalha e cortar os dois lados da bochecha até as orelhas, e aqueles dentes branquinhos vão todos ficar de fora num sorriso de caveira vermelha."* (p.49) Neste trecho o dente serve como um objecto de ódio do

---

<sup>1</sup> Petrov, Petar. *O realismo na ficção de José Cardoso Pires e de Rubem Fonseca*. Algés: DIFEL, 200. P. 91

Cobrador, sendo algo que somente os ricos podem dar-se ao luxo de possuir. Em outra parte, o dente serve como o objecto de desejo físico: “*tenho vontade de lamber dente por dente da sua boca.*” (p.55) O dente torna-se numa sinédoque que indica não só o estatuto social mas também a beleza feminina: “... *estão me devendo uma garota de vinte anos, cheia de dentes e perfume*” (p.53). Pode também aludir a inocência: “*os dentes brancos como de um elefante jovem*” (p.58). A obsessão do narrador com os dentes não acaba aqui, mas ele vai tão longe que, ao observar duas raparigas na praia, até inventa um adjetivo: “*Elas riem, riem, dentantes.*” (p.54) Esse neologismo mostra o seu entusiasmo evocado pela característica física que ele valoriza o mais<sup>1</sup>.

O Cobrador é um homem que, ao mesmo tempo que odeia o sistema social e os meios de comunicação de massa, procura neles os artigos que mencionam os seus actos. Ele também quer fazer parte desta classe. Todavia, não como um membro da elite, mas reconhecido como um vingador, um representante dos excluídos sociais. Segundo ele, a única maneira de atravessar o abismo, que o separa do universo em que vive a classe alta é a violência.

---

<sup>1</sup> A temática de dentes no Brasil atravessa até a política. O antigo presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2003) disse: “Os pobres estão colocando dentadura. É um avanço imenso”, utilizando a imagem de dentes como marco de um progresso social e um indicador do sucesso do Plano Real. No Brasil de então, segundo a Associação Brasileira de Odontologia, houve 1,4 milhão de pessoas sem nenhum dente na boca. ([http://veja.abril.com.br/100997/p\\_118.html](http://veja.abril.com.br/100997/p_118.html))

## 5. Tradução de conto “O Cobrador”

Na dveřích obrovské chrupek, pod ním nápis Dr. Carvalho, zubař. Prázdňá čekárna s cedulí: *Vyčkejte, pan lékař právě ošetřuje*. Čekal jsem půl hodiny, bolest sílila, dveře se otevřely a vynořila se žena doprovázená asi tak čtyřicetiletým urostlým člověkem v bílém plášti.

Vešel jsem do ordinace, posadil se do křesla, zubař mi připevnil kolem krku papírové ubrousek. Otevřel jsem ústa a řekl, že mě hrozně bolí stolička. Podíval se pomocí zrcátka a zeptal se, jak jsem si jen mohl zuby nechat takhle zhuntovat.

Usmál jsem se. Tyhle lidi jsou legrační.

Budu muset trhat, prohlásil, máte těch zubů už dost málo, a pokud rychle nezasáhneme, přijdete i o ten zbytek, včetně tady těch - a hlasitě mi ťukl do jedniček.

Umrtnující injekce do dásně. Ukázal mi ten zub v kleštích. Kořen je shnilý, vidíte? prohodil. Bude to čtyři sta cruzeirů.

Zasmál jsem se. To nemám, kámo.

Co nemáte?

Těch čtyři sta cruzeirů. Zamířil jsem ke dveřím.

Postavil se mi do cesty. Bude lepší, když zaplatíte. Byl to chlap jak hora, ohromný ruce a zápěstí zocelený od všech těch vytrhanejk zubů. Moje drobná postava dodává lidem odvahu. Nenávidím zubaře, obchodníky, právníky, podnikatele, úředníky, doktory, pohlaváry a vůbec celou tuhle sebranku. Ti všichni mi zatraceně dlužej. Rozepnul jsem bundu, vyndal osmatřicítku a zeptal

se ho tak vztekle, až mu na tváři přistála moje slina, - a co kdybych ti tohle narval do prdele? Zbledl a ucouvl. Zatímco jsem mu mířil na hrud', začalo se mi ulevovat: vyrval jsem šuplíky ze skříněk a házel je na zem, kopal do všech těch lahviček, jako by to byly balóny, který se pak s třískotem rozbíjely o zed'. Zničit plivátka a vrtačky už bylo horší, takže jsem si odřel ruce i nohy. Zubař mě sledoval a vypadal, že po mně každou chvílí skočí, což jsem si moc přál, mohl bych to pak totiž napálit do toho jeho břicha plného sraček.

Já už nic platit nebudu, už toho mám po krk! řval jsem na něj, teď už jenom vybírám!

Střelil jsem ho do kolena. Měl jsem toho zkurvysyna rovnou zabít.

\*\*\*

Ulice plná lidí. Dlužím mi celý svět, říkám si v duchu a občas i z plna hrdla. Dlužej mi jídlo, kundu, deku, boty, dům, auto, hodinky, zuby, dlužej mi. Nějakej slepec žebrá o almužnu a chrastí hliníkovou nádobou plnou mincí. Vykopnu mu ji, zvuk těch mincí mě rozčiluje. Ulice Maršála Floriana, sídlí tu obchod se zbraněmi, lékárna, banka, prostitutky, pouliční malíři, firma Light, doktoři, aristokrati, kvanta lidí. Ráno se směrem do centra nedá vůbec jít, dav se po chodníku sune jak obří housenka.

\*\*\*

Tyhle typy s mercedesama mě štvou. A ty klaksony jakbysmet. Včera v noci jsem šel za jedním týpkem, kterej mi měl na Cruzadě prodat magnum s tlumičem, a když jsem přecházel silnici, jeden maník, kterej si nejspíš byl zahrát tenis v nějakým luxusním klubu, stiskl klakson. Viděl jsem, že jede pomalu, a zůstal jsem před ním stát.

Co je? zařval.

Byla noc a nikde nikdo. Oblečenej byl celej v bílým. Vyndal jsem osmatřicítku a napálil to do předního skla, ale spíš, aby se vysypalo, než abych toho týpka trefil. On šlápl na plyn, asi aby mě přejel, nebo se zdejchl, nebo obojí. Uskočil jsem na stranu a auto mě s kvílením pneumatik minulo. Kousek opodál zastavilo. Šel jsem až k němu. Řidič měl hlavu zvrácenou dozadu, obličej a hrud' pokrytou tisícem nepatrnejch střepů z předního skla. Silně krvácel z ošklivý rány na krku a bílý oblečení už měl úplně rudý.

Otočil hlavu opřenou o sedadlo, černý oči měl úplně vypoulený. Bělmo začínalo nabírat barvu mléčný modři podobný barvě dužiny jabuticaby. A protože měl bělmo očí namodralý, řekl jsem - zemřeš, chlape, chceš ránu z milosti?

Ne, ne, vypravil ze sebe, prosím.

Všiml jsem si, že mě z okna jedný budovy někdo pozoruje. Jakmile jsem se ohlédl, schoval se. Určitě už zavolal policajty.

V klidu jsem odkráčel a vrátil se na Cruzadu. Vysypat přední sklo toho mercedesu bylo celkem hustý. Měl jsem vystřelit i do kapoty a do všech dveří, karosář by se aspoň měl co ohánět.

\*\*\*

Chlapík s magnumkou už byl zpátky. Kde je těch třicet táců? Polož je sem do téhle ručičky, která nikdy neviděla rákosku, řekl. Jeho ruka byla bílá, hebká, zato ta moje byla samá jizva, celý tělo jsem měl plný jizev, dokonce i péro bylo plný jizev.

Chci ještě koupit rádio, řekl jsem překupníkovi.

Zatímco se šel podívat po rádiu, prohlédl jsem si pořádně tu magnumku.

Naleštěná, a taky nabitá. S tím tlumičem vypadala jako kanón.

Překupník se vrátil s rádiem na baterky. Japonský, oznámil.

Zapni ho, ať slyším, jak hraje.

Zapnul ho.

Dej to víc nahlas, požádal jsem ho.

Zesílil zvuk.

Prásk. Řekl bych, že ho zabil hned první výstřel. Přidal jsem další dva, jen abych uslyšel prásk, prásk.

\*\*\*

Dlužej mi školu, přítelkyni, rádio, respekt, šunkovej sendvič v hospodě v ulici Vieira Fazenda, zmrzlinu, fotbalovej míč.

Sedím u televize. Záměrně, chci tím posílit svoji nenávist. Jakmile opadne můj vztek i touha vzít si to, co mi dlužej, sednu si k televizi a nenávist je hned zpátky. Dostat tak do ruky toho chlápka z reklamy na whisky. Takovej vyfintěnej, nažehlenej, nadejchanej hezounek, jednu ruku kolem oslnivý blondýnky, druhou plní sklenku kostkama ledu a culí se při tom tak, že jsou vidět všechny jeho pravý a dokonalý zuby. Břitvou bych mu prořízl koutky až k uším a vykouznil mu tak bělostnej úsměv na rudý lebce. Teď je ale tam, usmívá se a brzy políbí ústa té blondýnky. Však on se dočká.

Můj arzenál je už téměř kompletní: mám magnum s tlumičem, jeden revolver, dvě břitvy, automat dvanáctku, jeden Taurus 38 s krátkou hlavní, dýku a mačetu. Mačetou useknu někomu hlavu jedinou ranou. Viděl jsem kdysi v kině, jak v jedný asijský zemi, ještě když tam byli Britové, prováděli takovej rituál, při kterým usekli nějakýmu zvířeti, nejspíš buvolovi, hlavu jedinou ranou. Britští

důstojníci sledovali ten ceremoniál se znuřeným výrazem, ti kati však byli skutečnými umělci. Jedna rychlá rána a hlava zvířete se koulela a krev prýštila.

\*\*\*

V bytě jedny ženský, která mě sbalila na ulici. Je už starší, tvrdí, že chodí do večerní školy. To znám, moje škola byla ta nejtemnější ze všech večerních škol, tak špatná, že už ani neexistuje, zbourali ji. I ulici, ve které stála, zbourali. Ptá se mě, co dělám, tak říkám, že jsem básník, což je čistá pravda. Žádá, abych zarecitoval nějakou svoji báseň. Takže: Bohatí chodí spát pozdě/ jen proto, že vědí, že ta verbež/ musí chodit spát brzo, aby mohla ráno pracovat./ Je to jen další příležitost, jak ukázat/ že jsou jiní:/ přiživovat se, pohrdat těmi, co se dřou, aby měli co jíst,/ přispát si,/ až do odpoledne/ do druhého dne/ to je dobře, až moc./

Přeruší mě otázkou, jestli mám rád kino. A co báseň? Nerozumí ji. Pokračuji: Uměl tančit i zamilovat se/ a válet se v objetí po podlaze/ jen krátce./ Z potu jeho tváře nebylo stvořeno nic./ Chtěl zemřít s ní,/ ale to až jindy,/ někdy jindy./ V kině Iris, v ulici Carioca/ Fantóm opery/ osoba v černém,/ černý kufřík, schovaná tvář,/ v ruce bílý neposkvřený kapesník,/ honil divákům;/ ve stejnou dobu, na Copacabaně,/ někdo jiný,/ kdo neměl ani jméno,/ pil moč ze záchodků kin/ a jeho tvář byla zelená a nezapomenutelná./ Dějiny vytvářejí mrtví/ a budoucnost ti, co zemřou./ Myslíš, že budou trpět?/ Jsou silní, odolají./ Odolali by, i kdyby byli slabí./ A teď ty, nevím./ Tys tak dlouho předstíral, bušil a křičel, podváděl/ Jsi unavený,/ přestal jsi,/ nevím, co tě drží při životě./

Nechápala poezii. Byli jsme sami, chtěla předstírat nezájem, tak přehnaně zívala. Komediánka.

Bojím se tě, přiznala nakonec.

Tahle ubožačka mi nedluží nic, říkal jsem si v duchu, živoří, aby mohla bydlet v tomhle ubohém bytě, a má pytle pod očima z toho, jak do sebe lije svinstva a čte si o životech nóbl paniček ve Vogue.

Chceš, abych tě zabil? zeptal jsem se, zatímco jsme popíjeli podřadnou whisky.

Chci, abys mě ojel, nejistě se zasmála.

Skoncovat to s ní? Ještě jsem nikdy nikoho neuškrtil vlastníma rukama. Není to ani moc stylový, ani dramatický, někoho uškrtit, to se hodí spíš k pouliční rvačce. Sice jsem měl chuť někoho uškrtit, ale ne takovouhle nešťastnici. Pro takovouhle nicku jen kulku do týla?

Poslední dobou na to myslím. Svlékla se: plochý povadlý ňadra, bradavky jako obří hrozinky, který někdo rozšlápl. Ochablý stehna s hrudkami celulitidy, zkažená želatina s kousky shnilého ovoce.

Už se celá třesu, řekla.

Lehl jsem si na ni. Chytla mě za krk, vsunula mi jazyk do úst, vlhká, horká a voňavá vagína.

Šukali jsme.

Ted' spí.

Jsem spravedlivej.

\*\*\*

Čtu si noviny. O smrti toho pašeráka na Cruzadě ani zmínka. Ten hejsek v tenisovejch hadrech v mercedesu zemřel v nemocnici Miguel Couto a novináři tvrdí, že ho přepadl lupič Široká Tlama. Jen se směju.

Píšu báseň nazvanou Děťství aneb Nové vůně kundy s velkým K: Tady mě zase máte/ poslouchám Beatles/ na rádiu Mundial/ v devět večer/ v pokoji/ jenž by mohl patřit/ a patřil/ nějakému svatému mučedníkovi/ Nebyl to hřích/ a tak nevím, proč se mi vyhýbali/ snad, že jsem byl nevinný/ nebo hloupý/ V každém případě/ podlaha byla stále tam/ aby se do ní dalo ponořit./ Nejsou-li peníze/ je dobré mít svaly/ a nenávist./

Čtu noviny, abych se dozvěděl, co jedí, pijou a dělají. Chci žít dlouho, abych je stihl všechny zabít.

\*\*\*

Z ulice sleduju oslavu na Vieira Souto, ženy v dlouhejch šatech, muži v tmavým. Kráčím pomalu, z jednoho chodníku na druhý, nechci vzbudit podezření. Mačetu mám v nohavici přivázanou k noze, takže nemůžu jít vzpřímeně. Vypadám jako mrzák, připadám si jako mrzák. Pár ve středních letech prochází kolem a dívá se na mě s lítostí. I já se lituju, kulhám a cítím bolest v noze.

Z chodníku vidím číšníky, jak servírují francouzské šampaňské. Tahle sorta zbožňuje francouzský šampaňský, francouzskou módu, francouzštinu.

Stál jsem tam od devíti, poté jsem vyrazil po zuby ozbrojený, vstříc štěstí nebo smůle, a oslava mohla propuknout.

Prázdná místa naproti domu byly hned obsazená, takže auta hostů začaly parkovat v postranních potemnělých uličkách. Jedno z nich mě obzvlášť zaujalo. Červený auto a v něm mladá elegantní pár. Kráčeli mlčky k budově, on si upravoval motýlka, ona šaty a vlasy. Připravovali se na triumfální příchod, ale jak jsem pozoroval z chodníku, jejich příchodu ani příchodu ostatních si nikdo nevšímal. Lidé se sice zkrášlují u kadeřníka, švadleny či maséra, nicméně jediný kýžený pozornosti, který se jim na oslavách dostává, je od zrcadla.

Sledoval jsem tu ženu v modrejch vlajících šatech a řekl si pro sebe - já ti věnuju pozornost, jakou si zasloužíš. Ne nadarmo sis oblékla svý nejlepší šaty, šla jsi tolikrát ke švadleně, nanesla sis tolik vrstev krémů na kůži a použila tak drahý parfém.

Vycházeli jako poslední. Nekráčeli už tak sebevědomě, byli podrážděný a hádali se, takže jim vůbec nebylo rozumět.

Přiblížil jsem se k nim v momentě, kdy otevíral dveře od auta. Protože jsem pokulhával, jen mě letmo přejel očima, neškodnýho bezvýznamnýho mrzáka.

Přitiskl jsem mu k zádům revolver.

Dělej, co ti říkám, jinak vás oba zabiju, přikázal jsem.

Dostat se na zadní sedadlo se ztuhlou nohou nebylo jednoduchý. Napůl jsem ležel a mířil mu při tom na hlavu. Nařídil jsem mu, aby jel směrem k čtvrti Barra da Tijuca. Zrovna jsem si uvolňoval mačetu přivázanou k noze, když mi řekl, ať si vezmu peníze i auto a nechám je bejt. Byli jsme zrovna před hotelem Nacional. Jen jsem se smál. Už byl střízlivej a chtěl si dát posledního panáka whisky, zatímco by si do telefonu postěžoval policii. Ach jo, některý lidi si myslí, že život je jedna velká párty. Jeli jsme dál kolem Recreio dos Bandeirantes až k jedný opuštěný pláži. Světla jsem nechal zapnutý.

Nic jsme vám neudělali, řekl.

Ne? Jen jsem se smál. Cítil jsem, jak mi nenávist zaplavuje uši, ruce, celé tělo, příchut octu a slz.

Je těhotná, oznámil a ukázal na ženu, bude to naše první dítě.

Podíval jsem se na břicho té hubené ženy. Rozhodl jsem se být milosrdnej a řekl jsem, bum, míříc nad místo, kde jsem tušil její pupík, a zbavil jí plodu. Žena se složila k zemi. Přiložil jsem jí ke spánku revolver a udělal tam kráter.

Muž tomu všemu mlčky přihlížel s peněženkou v natažený ruce. Vzal jsem mu ji z ruky, nadhodil do vzduchu a než dopadla, odkopl ji do dálky.

Svázal jsem mu ruce za zády provazem, kterej jsem si přinesl. Pak jsem mu svázal i nohy.

Klekni si, řekl jsem.

Klekl si.

Reflektory auta mu osvětlovaly tělo. Klekl jsem si k němu, serval mu motýlka a ohrnul límeček, abych co nejvíc odhalil jeho krk.

Předkloň hlavu, poručil jsem.

Předklonil ji. Zdvihl jsem mačetu, svíraje ji pevně oběma rukama, a spatřil na obloze hvězdy, nekonečnou noc, nedozírnou nebeskou pláň, a celou svou silou jsem mu zařal mačetu, tu hvězdu z oceli, přímo doprostřed šíje.

Hlava mu neodpadla a pokoušel se zvednout, zmítaje sebou jako špatně omráčená slepice v ruku neschopný kuchařky. Sekl jsem znovu, a ještě jednou, ale hlava ne a ne se odkutálet. Omdlel nebo zemřel s tou zasranou hlavou pevně na krku. Mrštil jsem jím o nárazník. Krk byl teď konečně v dobrý pozici. Soustředil jsem se jako gymnasta před saltem mortale. Tentokrát, když mačeta se svištěním prorážela na svý smrtící dráze vzduch, jsem věděl, že se kýženej výsledek dostaví. Křup! Hlava se kutálela v písku. Zdvihl jsem tu šavli a zvolal: Ať žije Výběrcí! Vydal jsem ze sebe hlasitej zvuk, nebylo to žádné slovo, bylo to krátký a silný zavytí, aby se veškerá havěť roztrásla a klidila se mi z cesty. Kamkoliv vkročím, taví se asfalt.

\*\*\*

\*\*\*

Černá brašna v podpaží. Koktavě ze sebe soukám, že jsem instalatér a že mám něco opravit v bytě d-dvě s-t-tě jedna. Vrátný se pousměje nad mou vadou řeči a pouští mě dovnitř. Začínám posledním patrem. Jsem instalatér (teď už bez vady řeči) a přišel jsem kvůli té opravě. Dvě oči v kukátku: žádného instalatéra jsme neobjednávali. Scházím do sedmého patra: totéž. Štěstí se na mě usměje až v prvním patře.

Otevře mi služka a volá dovnitř, že je tu instalatér. Objeví se holka v noční košili, pěkná, kolem pětadvaceti, s lakem na nehty v ruce.

To bude omyl, tvrdí, my nepotřebujeme instalatéra.

Vytáhl jsem z kufříku revolver. Ale potřebujete. Buďte zticha, nebo vás obě zabiju. Je v bytě ještě někdo? Manžel byl v práci a syn ve škole. Svázal jsem služku a zalepil jí ústa izolepou. Paničku jsem odvedl do pokoje.

Svlíkni se.

Nesvléknu, řekla se vztyčenou hlavou.

Dlužej mi sirup, ponožky, kino, filé mignon a kundu. Udeřil jsem ji do hlavy. Spadla na postel, rudý flek na tváři. Nestřílel jsem. Strhnul jsem z ní noční košili a kalhotky. Podprsenku neměla. Roztáhl jsem jí nohy. Koleny jsem se jí zapřel o stehna. Měla ji hustě černou. Byla zticha, oči zavřené. Nebylo lehké vstoupit do toho pralesa, kundu měla staženou a suchou. Sehnul jsem se, rozevřel ji a drsně plivnul dovnitř. Moc to nepomohlo, cítil jsem, jak mi klacek drhne. Zasténala, když jsem jí ho tam zasunul nadoraz. Zatímco jsem přirážel, olizoval jsem jí prsa, ucho, šíji, jemně jí strkal palec do řitě, hladil ji po zadku. Můj klacek začínal klouzat díky šťavám vagíny, teď už vřele vlhký.

Protože se mě už nebála, nebo protože se mě bála, udělala se dřív než já.  
Zbytkem toho svinstva, co vylezlo z mého ptáka, jsem jí obkroužil pupík.  
Příště žádnému instalatérovi neotvírej, řekl jsem jí, když jsem odcházel.

\*\*\*

Vyšel jsem z toho činžáku do ulice Vikomta z Maranguape. Kaz v každé stoličce plné vosku od doktora Lustosy / rozkousat předními zuby / udělat se na fotku z časopisu / ukradené knihy./ Jdu na pláž.

Dvě ženy si tam spolu povídají. Jedna je opálená od slunce, na hlavě šátek, druhá je bledá, asi na pláž moc nechodí. Obě mají moc hezký těla. Zadek tý světlejší je ten nejkrásnější zadek, co jsem kdy viděl. Sedám si opodál a pozoruju je. Chápou, co mě zajímá, a hned se začnou vrtět, mluvit tělem, dělat svůdný pohyby pánvemi. Na pláži jsme si všichni rovni, jak my, ubožáci, tak oni. Jsme dokonce lepší, protože nemáme tak velký břicha a ochablý zadky jak ty paraziti. Chci tu bílou ženskou. Ona mě taky, vrhá po mě pohledy. Obě jsou samej úsměv. Rozloučí se a ta bílá vyrazí směrem k Ipanemě, nohy si cestou smáčí ve vodě. Přiblížím se a jdu vedle ní, aniž bych věděl, co mám říkat.

Jsem plachej člověk, už jsem toho v životě schytl dost. A její vlasy jsou jemný a pěstěný, pas útlej, prsa drobný, stehna tak pevný, oblý a svalnatý, zadek tvoří dvě pevný hemisféry. Tělo baletky.

Studuješ balet?

Studovala jsem, odpoví. Směje se na mě. Jak jen může někdo mít tak nádherný ústa? Toužím jí v nich olíznout každičkej zub. Bydlíš tady někde? ptá se.  
Bydlím, lžu. Ukazuje mi nějakou budovu na pláži, celou z mramoru.

\*\*\*

Zpátky v ulici Vikomta z Maranguape. Krátím si čas, než půjdu k tý bledý dívce. Jmenuje se Ana. Líbí se mi, palindromická Ana. Brousím mačetu obzvlášť tvrdým kamenem, krk tamtoho hejska byl moc pevnej. Noviny věnovaly dost prostoru smrti páru, kterej jsem popravit ve čtvrti Barra. Ona byla dcerou jednoho z těch sráčů, co zbohatnou v Sergipe nebo v Piauí tím, že okrádají venkovský balíky a pak odjedou do Ria, kde se jejich buranský děti zbaví přízvuku, obarví si vlasy na blond a tvrdí, že jsou potomci Holanďanů.

Novináři ze společenskéjch rubrik byli zděšeni. Ti zazobanci, který jsem poslal na věčnost, měli naplánovanou cestu do Paříže. V ulicích již není bezpečno, hlásal jeden titulek. Jen se směju. Vyhodil jsem trenky do vzduchu a pokusil se je rozpúlit mačetou, jako to v jednom filmu udělal Saladin (s hedvábným kapesníkem).

Šavle už nejsou, co za starých časů / Jsem krvavou lázní / Nebyl to Bůh ani  
Dábel / Kdo učinil mě mstitelem / Byl jsem to já / Jsem člověk-penis / Jsem  
Výběřčí./

Vcházím do pokoje, kde už tři roky leží paní Klodylda. Paní Klodylda je majitelka tohoto domu.

Chcete, abych uklidil obývací pokoj? ptám se.

Ne, chlapče, jen jsem chtěla, abys mi píchl injekci B-12, než půjdeš.

Nahřejtu stříkačku a připravím injekci. Zadnice paní Klodyldy je suchá jak vetchej list a vrásčitá jak rýžovej papír.

Ty jsi dar z nebes, synu, poslal mi tě sám pámbů, řekla.

Paní Klodyldě nic není, mohla by klidně vstát a jít si nakoupit do obchodu. Ta nemoc je v její hlavě. Po třech letech, co leží a vstává, jen aby si došla na záchod, už nemůže mít sílu.

Jednou jí týlem proženu kulku.

\*\*\*

Jakmile ukojím svou nenávist, ovládne mě pocit vítězství a takový euforie, že mám chuť tančit - vyluzuju krátký nesrozumitelné zvuky, podobný vytí či bručení, mnohem bližší hudbě než poezii, nohy mi kloužou po podlaze a tělo se rytmicky pohupuje a kýve jako tělo nějakýho divocha nebo opice.

Kdo by mi chtěl něco přikazovat, zemře. Mám velkou chuť zabít jednu z těch figur, co v televizi ukazují svoje úspěšný křivácký ksichty, někoho s krví prosycenou kaviárem a šampaňským. Cpi se kaviárem / a přijde tvůj den./ Dlužej mi dvacetiletou holku, plnou zubů a parfému. Ta holka z mramorového domu? Vcházím dovnitř a už mě čeká, sedí v pokoji, klidná, nehybná, temně černý vlasy, bledej obličej, vypadá jako obrázek.

Pojedeme, říkám. Ptá se mě, jestli jsem přijel autem. Nemám auto, odpovím. Ona má. Sjedeme služebním výtahem do garáže a nasedáme do sportáku.

Za chvíli ji požádám o to, abych řídil já, a prohodíme si místa. Co takhle do Petrópolis? ptám se. Stoupáme do hor, mlčky mě pozoruje. Když dorazíme do Petrópolis, řekne, abych zastavil před jednou restaurací. Odvětim, že nemám ani peníze, ani hlad, ale ona má obojí, jí tak nenasytně, jako by jí to jídlo měli každou chvíli odnést. Skupinka mladejch u vedlejšího stolu popíjí a hlasitě se baví. Mladý manažeři takhle v pátek vyrazí, opíjou se, pak se setkají s vyfintěnýma dámičkama, aby si zahráli kanastu nebo poklábosili o ostatních a ládovali se při tom sýry a víny. Nenávidím manažery. Dojedla. Co teď? Teď se vrátíme, říkám, sjíždíme dolů, jedu jako o život, ona mě sleduje. Můj život nemá smysl, už jsem přemýšlela o sebevraždě, říká. Zastavuju v ulici Vikomta z Maranguape. Tady bydlíš? Vystupuju z auta a nic neříkám. Vylézá za mnou:

uvidíme se ještě? Vcházím do domu, jdu nahoru po schodech a slyším startování motoru.

\*\*\*

Klub nejvyšší smetánky. Zasloužíte si to nejlepší uvolnění, s péčí a porozuměním. Naše masérky to umějí. Elegance a diskrétnost.

Poznamenám si adresu a jdu tam. Je to byt v Ipanemě. Čekám, až se objeví, vyšňořenej v šedivým obleku, vestičce, černej kufřík, naleštěný boty, obarvený vlasy. Vytáhnu z kapsy kus papíru, jako bych hledal něčí adresu, a sleduju toho chlápka až k autu. Tihle zkurvysyni auta vždycky zamykají. Vědej, že svět je plnej zlodějů, oni sami jsou zloději, jen je nikdo nechytá. Zatímco odemyká auto, přitisknu mu k břichu revolver. Dva muži čelem k sobě, hovoří spolu, to pozornost nevzbudí. Přitisknout revolver k zádům sice vyleká víc, ale to jde dělat jen na odlehlejch místech.

Buď zticha, nebo ti to tvý luxusní břicho nacpu olovem.

Vypadá troufale a zároveň obyčejně, jako úspěšnej ambiciózní člověk stoupající na výsluní, oslněnej společenskýma výšinama, konzument, pravičák, katolík, účastník náboženskejch seminářů, vlastenec, zpohodlnělej parazit sociálního systému, děti studující na katolické univerzitě, manželka dekoratérkou interiérů a spolumajitelkou butiků.

Tak co, manažírku, masérka ti ho vyhonila nebo vykourčila?

Jsi chlap, tak víš, jak to chodí, řekl. Kecy jak s taxikářem nebo s obsluhou výtahu. Z Horní Dolní až po zasedací místnost, myslí si, že už čelil všem krizovejch situacím.

Nejsem žádněj zkurvenej chlap, říkám potichu, jsem Výběřčí.

Jsem Výběrcí! křičím.

Začíná mít stejnou barvu jako jeho oblek. Myslí, že jsem blázen, a blázna ve svý zatracený klimatizovaný kanceláři ještě neměl.

Jdeme k tobě domů, říkám.

Nebydlím tady v Riu, bydlím v São Paulu, on na to. Odvahu ztratil, ne však prohnanost. A auto? ptám se. Auto, jaký auto? Tohle, s espézétkou Ria? Mám ženu a tři děti, otáčí list. A to má být co? Omluva, heslo, habeas corpus, glejt? Přikážu mu zastavit. Prásk, prásk, prásk, jedna kulka za každé dítě, do hrudi. A jedna do hlavy, za manželku, prásk.

\*\*\*

Jdu si ven zahrát fotbal, abych zapomněl na tu dívku z mramorovýho domu. Po třech hodinách mám nohy úplně okopaný, nateklej palec na pravý noze, nejspíš zlomenej. Zpocenej se posadím na okraj hřiště, vedle nějakýho černocho, co si čte noviny. Zaujme mě titulek a chci si je od něj půjčit, ale týpek odvětlí, že pokud si je chci přečíst, proč si je nekoupím. Nerozčiluju se, ten černocho má málo zubů, dva nebo tři, křivý a tmavý. Dobře, říkám, nebudeme se kvůli tomu hádat. Kupuju dva hotdogy a dvě koly, půlku dám jemu a on mně noviny. Policie pátrá po šílenci s magnumkou, tvrdí titulek. Vracím noviny černochovi. Nechce je, směje se, zatímco přežvykuje předníma zubama, nebo spíš předníma dásněma, který už má díky četnému používání ostrý jak břitvy. Novinová zpráva: Skupina prominentů z jižní zóny v plné přípravě na tradiční Vánoční tanec - První karnevalovou vlašťovku. Tanec začíná dvacátého čtvrtého a končí první den nového roku. Přijedou statkáři z Argentiny, dědicové z Německa, američtí umělci, japonští podnikatelé, mezinárodní parazitismus. Z Vánoc se opravdu stala párty. Chlast, veselí, orgie, zahálka.

První karnevalová vlašťovka. K smíchu. Fakt vtipálci.

Nějaký blázen skočil z mostu z Ria do Niteróie a dvanáct hodin plaval, dokud ho nenašel záchranný člun. Ani nenastýdl.

Požár v pečovatelském ústavu usmrtil čtyřicet důchodců, rodiny slavily.

\*\*\*

Právě jsem píchl paní Klotyldě injekci, když zazvonil zvonek. V tomto domě zvonek nikdy nezazvoní. Já obstarávám nákupy, uklízím dům. Paní Klotylda nemá příbuzný. Vyhlédnu z balkónu. Je to palindromická Ana.

Povídáme si na ulici. Ty ode mě utíkáš? ptá se. Víceméně, říkám. Jdeme dovnitř. Paní Klotyldo, mám tu jednu dívku, můžu ji vzít do pokoje? Dům je tvůj, chlapče, dělej si, co budeš chtít, jen chci tu dívku vidět.

Stojíme u okraje její postele. Paní Klotylda se na Anu dívá celou věčnost. Oči se jí plní slzami. Každou noc jsem se modlila, vzlyká, každičkou noc, aby sis našel takovou dívku. Zvedá do výšky hubený ruce pokrytý jemnými vráskami, sepíná je a říká, ach můj bože, jak já ti děkuju!

Stojíme v mém pokoji, obočí na obočí, jako v té básni, svlíkám ji a ona mě a její tělo je tak krásný, až cítím, jak se mi svírá hrdlo, po tváři mi stékají slzy, oči mi planou, ruce se chvějí

a nyní ležíme, jedem na druhém, v transu, sténáme

víc a víc, bez ustání, ona křičí, ústa dokořán, zuby bílé jako zuby sluněte,

tady, tady, zbožňuju tvou posedlost!,

křičí,

voda a sůl a šťávy se řinou z našich těl, bez ustání.

Nyní, mnohem později, ležíme a jeden druhého sledujeme jako zhypnotizovaní, dokud se nesetmí, obličejů nám v té tmě září a vůně jejího těla proniká skrze zdi pokoje.

Ana se probudila první, v místnosti se svítí. Ty máš jen knížky s poezií? A všechny ty zbraně, na co? Bere si z poličky magnumku, bledé tělo a tmavá ocel, míří na mě. Posadím se.

Chceš vystřelit? můžeš, ta stařena nic neuslyší. Konečkem prstu jí nadzdvihnu hlaveň k úrovni mého čela. Sem to nebolí.

Už jsi někdy někoho zabil? Ana míří na moje čelo.

Jo.

Bylo to dobrý?

Bylo.

Jaký?

Úleva.

Jako my dva v posteli?

To ne, jinačí. Přesně naopak.

Nebojím se tě, říká Ana.

Ani já tebe. Miluju tě.

Povídáme si až do rána. Cítím něco jako horečku. Dělán kafe pro paní Klotyldu a nesu jí ho do postele. Jdeme s Anou ven, říkám. Bůh vyslyšel mé modlitby, procedí stařena mezi doušky.

\*\*\*

Dnes je dvacátýho čtvrtýho prosince, den Vánočního tance neboli První karnevalové vlašťovky. Palindromická Ana odešla z domova a bydlí se mnou. Moje nenávisť je teď jiná. Mám poslání. Vždycky jsem měl poslání, ale nevěděl o tom. Teď to vím. Ana mi to pomohla pochopit. Víím, že kdyby každej ubožák dělal to, co já, svět by byl lepší a spravedlivější. Ana mě naučila používat výbušniny a myslím, že už jsem připravenej na ohromnou změnu. Zabíjet po jednom je mystická záležitost a tý jsem se zbavil. Při Vánočním tanci jich zabijeme ještě starým způsobem tolik, co to půjde. Bude to moje poslední nahodilý romantický gesto. Pro začátek nového období si vybíráme odporný zákazník jednoho supermarketu v jižní zóně. Budou usmrceni jedním velkým a mocným výbuchem. Sbohem, má mačeto, sbohem, má dýko, má pistole, můj revolvere, sbohem má magnumko, dnes bude poslední den, kdy vás použiju. Políbím svou mačetu. Vyhodím lidi do povětří, získám prestiž, nebudu pouhým šílencem s magnumkou. Nebudu se už také procházet parkem ve Flamengu a pozorovat stromy, kmeny, kořeny, listy, stín a vybírat si strom, kterej bych chtěl, kterej jsem vždycky chtěl vlastnit, na kousíčku země s udusanou hlínou. Viděl jsem, jak v parku vyrostly, radoval jsem se, když přšelo, déšť smáčel půdu a listy se v něm koupaly, vítr pohupoval větvemi, zatímco auta těch sráčů si to svištěla kolem, aniž by se jedinej z nich ohlédl. Nemarním už čas sny.

Celý svět se dozví, kdo jsi, kdo jsme, říká Ana.

Zpráva: Guvernér se přestrojí za Santa Clause. Zpráva: méně oslav a více meditací, očistíme srdce. Zpráva: Nebude chybět pivo. Nebudou chybět krocani. Zpráva: Vánoční oslavy letos způsobí více dopravních nehod a násilí než v minulých letech. Policie a nemocnice se připravují na Vánoce. Kardinál v televizi: oslava Vánoc je pokroucená, toto není její pravý smysl, příběh o Santa Clausovi je nešťastný výmysl. Kardinál tvrdí, že Santa Claus je fiktivní šašek.

Štědrý večer je skvělým dnem pro to, aby tyhle lidi zaplatili, co dlužej.

Tančícího Santa Clause chci ale sám zabít mačetou, říkám.

Předčítám Aně, co jsem napsal pro noviny, náš Vánoční manifest. Žádný náhodný, bezcílný zabíjení. Nevěděl jsem, co chci, nehledal jsem konkrétní výsledek, moje nenávist byla marněna. Byl jsem si jistě svým nutkáním, mojí chybou bylo, že jsem nevěděl, kdo je můj nepřítel a proč je nepřítelem. Teď už to vím, Ana mě to naučila. A můj příklad by měl být následován dalšími, mnoha dalšími, jen tak změníme svět. To je podstata našeho manifestu.

Vkládám zbraně do kufříku. Ana střílí stejně dobře jako já, jen s mačetou to tolik neumí, ale tahle zbraň je už zastaralá. Loučíme se s paní Klotyldou.

Házíme kufřík do auta. Jedeme na Vánoční tanec. Nebude chybět pivo, nebudou chybět krocani. Ani krev. Uzavírá se jedno období mého života a začíná další.

\*\*\*

## 6. Comentário da tradução

Durante o processo da tradução pudemos encontrar vários problemas devido à presença das palavras ligadas à específica realidade brasileira, como por exemplo *jabuticaba* ou *pau-de-arara*, que não têm equivalentes checos sendo para o nosso mundo, a República Checa ou a Europa, quase desconhecidas. Estes exotismos fazem parte muito importante da tradução, porque reflectem uma realidade própria de uma cultura estrangeira particular. Portanto é importante prestar especial atenção à tradução, e decidir a maneira de tratar essas expressões.

Por um lado, no caso em que substituimos os exotismos com palavras compreensíveis no âmbito do leitor, pomos em risco que o texto vai perder o seu tom exótico e a cor local que reflecte a realidade particular do país. Por outro lado, no caso em que resolvemos não reduzir os exotismos, não vamos perder a cor local, mas pomos em risco que o leitor não vai ser capaz de entender inteiramente o significado.

Ex. ... e o branco era azulado leitoso, como jabuticaba por dentro. (p.48) - ... bělmo začínalo nabírat barvu mléčný modři podobný barvě dužiny jabuticaby. (p.18)

Neste caso podíamos traduzir literalmente *jako vnitřek jabuticaby* e assim deixar o leitor checo na dúvida ao que este termo exótico se refere. Jabuticaba é uma fruta da árvore jabuticabeira que é muito utilizada na culinária brasileira mas quase desconhecida no ambiente europeu, ou pelo menos checo. Como essas frutas são semelhantes, quanto à forma e cor, às uvas, podíamos escolher a opção *barvě vinného hroznu* mas naquele caso perderíamos completamente o tom exótico do texto original. Para manter o exotismo e a compreensibilidade, resolvemos manter a palavra *jabuticaba* e substituir a palavra *dentro* por uma

expressão que indicaria ao leitor que se trata de uma fruta. Portanto optámos pela palavra *dužina* que significa *a polpa*.

Ex.: ... e os filhos de cabeça chata já não têm mais sotaque ... (p.55) - ... kde se jeжих buranský děti zbaví přízvuku ... (p.27)

A cabeça chata é um apelido aplicado pelos habitantes do sul do Brasil aos nordestinos. A sua conotação actual não tem nenhuma relação com a peculiaridade fisionómica e por isso não pudemos traduzir esta expressão literalmente como *děti s plochými hlavami* ou *ploskohlavé děti*. O termo *ploskohlaví* realmente existe, foi utilizado por exemplo pelo autor checo Čeněk Šercl no seu livro *Z oboru jazykozpytu*<sup>1</sup>, no qual ele mencionou os índios de cabeça chata que, contudo, viveram na América do Norte. Porém, este livro foi escrito no século XIX e o termo *ploskohlaví* parece um arcaísmo. O verdadeiro sentido deste apelido tem origem na época da Independência do Brasil, quando os nordestinos usavam gorros achatados na cabeça em contrário aos milicianos portugueses que usavam barretes pontuados. Por isso estes apelidaram os cearenses de cabeças-chatas<sup>2</sup>. Como a etimologia própria perdeu-se ao longo do tempo, podíamos suprimi-la também na língua da tradução. O único elemento que se preservou desta etimologia é a diferença e, como a conotação geral da cabeça-chata é depreciativa e pejorativa, procurámos alguma expressão que indicasse um traço distintivo e ao mesmo tempo depreciativo do ponto de vista do autor sulista. Por isso escolhemos a palavra *buranský*.

---

<sup>1</sup> Šercl, Zdeněk. *Z oboru jazykozpytu*. Praha: Knihtiskárna J. Otto, 1883. P. 255

<sup>2</sup> (<http://cearamoleque.com/cabeca.htm>)

Ex.: ... *roubando os paus-de-araras* ... (p.55) - ... *okrádají venkovský balíky* ... (p.27)

Neste caso tivemos de levar em conta a origem do narrador, que é carioca, porque a etimologia desta expressão é extraordinariamente rica. Originalmente, um pau-de-arara designava o pau usado para transportar araras e outras aves e é ainda sempre isso mesmo ao que se referem os nordestinos quando o mencionam. Este termo depois passou a designar *um caminhão coberto com varas longitudinais na carroceria, às quais os passageiros se agarram*<sup>1</sup>. Esses veículos eram bastante utilizados durante o êxodo dos nordestinos para o sul do país, principalmente o estado de São Paulo e Rio de Janeiro. Por esta razão ponderámos a tradução *náklad'áky s přistěhovalci* ou *rachotiny s přivoandrovalci*. Todavia, os sulistas começaram a chamar assim não só os veículos mas também os passageiros deles e portanto omitimos o nome de viatura e deixámos somente *přistěhovalce* ou *venkovany*. Contudo, o pau-de-arara ultimamente chegou, para os habitantes do sul e então para o autor desta narrativa, a ser um apelido pejorativo de todo nordestino e por isso decidimos traduzi-lo como *venkovský balíky*.

Ex.: *De Botucatu para a Diretoria, ...* (p.57) *Z Horní Dolní až po zasedací místnost, ...* (p.29)

Aqui apareceu o caso em que o exotismo teve de ser suprimido. Por esta frase o autor quer sugerir uma subida rápida na carreira de um yuppie. Botucatu<sup>2</sup> é uma cidade no estado de São Paulo com mais de cem mil habitantes, o que é um número bastante grande em relação às cidades checas mas já não tão grande se levarmos em conta a proporção do Brasil. Deixar

---

<sup>1</sup> *Dicionário Aurélio*, «pau-de-arara».

<sup>2</sup> (<http://www.botucatu.sp.gov.br/principal.asp>)

somente o nome geográfico resultaria em desentendimento do sentido do texto e por isso tivemos de ou adicionar algum atributo ao nome próprio ou completamente substituir este nome geográfico. Quanto aos atributos, hesitámos entre *zapadákov Botucatu* ou, ainda mais expressivo, *prdel světa Botucatu*. Quanto à substituição por outro nome geográfico, as opções eram por exemplo *Horní Lhota* ou *Dolní Lhota*. Em final, resolvemos pela preservação da rima interior na palavra *Botucatu* e portanto escolhemos a expressão *Horní Dolní*.

Ex.: *eleitor da Arena* (p.56) - *pravičák* (p.29)

A ARENA (Aliança Renovadora Nacional) é uma sigla de um partido político que existiu durante o Regime Militar (1964-1985). Neste caso supomos que o leitor checo comum não se oriente bem no sistema político do Brasil do século passado e por isso a tradução *volič Areny* não podia ser tomada em consideração. Como a Arena venceu em quase todas as eleições nesta época, apareceu a possibilidade de utilizar a expressão *většinovej volič* ou *volič vládní strany*, mas assim perderíamos a conotação pejorativa. No Brasil deste período havia um sistema bipartidário, no qual somente dois partidos dominaram o cenário político e por isso não podíamos usar nem a palavra *koaliční*. Ainda por cima, no Brasil inclina-se mais à divisão a oposição (os partidos derrotados) contra a situação (o conjunto de forças ou outros elementos de carácter político ou social que se encontram no poder<sup>1</sup>). E como esse partido foi predominantemente conservador, o que significa de uma orientação política à direita, considerámos a tradução *volič pravice* ou *volič pravicový Areny* mas, para

---

<sup>1</sup> *Dicionário Aurélio*, «situação».

preservar a conotação pejorativa do contexto, optámos no final pela expressão *pravičák*.

Ex.: *a injeção de trinevral* (p.55) – *injekci B-12* (p.27)

Aqui tivemos de fazer uma pesquisa farmacêutica e soubemos que trinevral é o antigo nome de hidroxicobalamina, aliás uma forma natural da vitamina B-12. Neste caso supomos que o leitor checo comum não possa conhecer denominações arcaicas dos medicamentos. A maioria dos pouquíssimos resultados da busca na Internet voltou-nos justamente ao texto original de Fonseca. Este facto significa, que a palavra *trinevral* é rara, então exótica no próprio português. Por isso pareceu ser lógico preservar o exotismo também na língua da tradução. Ainda por cima, o ficcionista talvez quisesse indicar uma certa erudição do narrador. Por outro lado, levando em conta o contexto social do conto, o autor provavelmente quisesse destacar a capacidade material ou a incapacidade física da paciente. Em vista disso, resolvemos diminuir o tom exótico e indicar ao leitor checo, que se trata de uma vitamina. E no final optámos pela tradução *injekci B-12*, porque a opção *injekci vitaminu B-12* seria demasiado explícita.

Ex.: *para jogar biriba* (p.56) – *aby si zahráli kanastu* (p.28)

Biriba é um jogo de cartas, que tem origem em Uruguai a popularizou-se em Argentina. É uma variante de canastra, que é conhecida aqui na Europa, embora também tenha a origem argentina. Como este termo não é muito conhecido na Europa, decidimos suprimir o tom exótico pela tradução *aby si zahráli kanastu*.

Ex.: *cursilhista* (p.57) – *účastník náboženskéjch seminářů* (p.29)

O cursilhista é uma pessoa que pratica o cursilho. Cursilho é um movimento religioso que tem sua origem na Espanha nas décadas de 1930-1940 do século 20.<sup>1</sup> Este termo vem de “cursillos” - pequenos cursos preparatórios à peregrinação, que ajudam a descobrir e a realizar a vocação pessoal. Embora este movimento já tenha os seus sócios na República Checa e a língua checa até conheça a palavra *cursillisté*, considerámos mínimo o número dos leitores checos que ouvissem falar neste termo. Por isso resolvemos manter a compreensibilidade do texto e optar por uma tradução explicativa.

---

<sup>1</sup> (<http://www.cursilho.org.br/historia.php>)

## 7. Conclusão

Este trabalho apresentou a tradução comentada do conto “O Cobrador” do escritor brasileiro contemporâneo Rubem Fonseca. O objectivo principal da análise desta tradução foi aproximar ao leitor alguns problemas surgidos no processo da tradução, que foi dirigida pela vontade de transmitir fielmente todas as tonalidades do texto do autor.

Traduzir este conto de Fonseca não foi uma tarefa fácil. A maior dificuldade foi representada pela questão do tratamento das expressões ligadas a específica realidade da cultura estrangeira. Para a transferência do vocabulário brasileiro para o checo usámos diversos dicionários da língua portuguesa, mas, ainda assim, ocorreu situações em que a expressão portuguesa não foi encontrada e por isso tivemos de fazer uma pesquisa adicional na Internet, consultar o caso com um falante nativo ou deduzir o significado do contexto situacional.

Uma outra dificuldade decorreu da tentativa de manter todas as características do texto original, ou seja, os elementos típicos do autor, como por exemplo, a economia na expressão e o uso frequente de vulgarismos. Estes vulgarismos podem intimidar o grande número de leitores mas eles, fazendo um traço distintivo do estilo deste autor, não podem ser omitidos ou de qualquer maneira eufemizados pelo tradutor. Para Fonseca, eles servem como armas literárias para desenhar o mundo violento das cidades.

## 8. Resumo

Tématem této práce je komentovaný překlad povídky „Výběrčí“ brazilského spisovatele Rubema Fonsecy. Práce je rozdělena do tří tematických částí. První část přináší stručný životopis autora, věnuje se některým jeho nejdůležitějším dílům včetně zmínky o jeho charakteristickém stylu a končí analýzou překládané povídky.

Druhou část práce tvoří samotný překlad této povídky z brazilské portugalštiny do češtiny. Třetí a závěrečná část se zabývá komentováním překladu nejproblematictějších částí textu s důrazem na nepřímou úměrnost mezi zachováním exotičnosti originálu a srozumitelností překladu.

The theme of this thesis is the commented translation of the story „Taker“, which was written by a Brazilian author Rubem Fonseca. The thesis is divided into three thematic parts. The first one presents a brief biography of this author, some notes about his most famous pieces of writing including some remarks on his style, followed by a literary analysis of the story „Taker“. The next part of this work is the translation of this story from Brazilian Portuguese to Czech. The third and last part is a commentary of the most problematic issues within the process of this translation with a focus on the regulation of the level of exotisms of the original text.

## 9. Bibliografia

- Bosi, Alfredo, *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- Cegalla, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1991.
- Cunha, Celso e Lindley Cintra. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2002.
- Dicionário Eletrônico Houaiss, Versão 1.0*. Editora Objetiva Ltda., 2001.
- Fonseca, José Rubem. *O Cobrador*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1979.
- Hamplová, Sylva e Jaroslava Jindrová. *Česko-portugalský slovník*. Voznice: Leda, 1997.
- Jindrová, Jaroslava e Antonín Pasienska. *Portugalsko-český slovník*. Voznice: Leda, 2005.
- Knittlová, Dagmar. *Teorie překladu*. Olomouc: Univerzita Palackého, 1995.
- Kufnerová, Zlata. *Čtení o překládání*. Praha: H+H, 2009.
- Kufnerová, Zlata, et alii. *Překládání a čeština*. Jinočany: H&H, 1994.
- Levý, Jiří. *České teorie překladu*. Praha: Státní nakladatelství krásné literatury, hudby a umění, 1957.
- Levý, Jiří. *Umění překladu*. Praha: Panorama, 1983.
- Novo Dicionário Aurélio, Versão 5.0*. Editora Positivo, 2004.
- Petrov, Petar. *O realismo na ficção de José Cardoso Pires e de Rubem Fonseca*. Algés: DIFEL, 2000.
- Picchiová, Luciana. *Dějiny brazilské literatury*. Praha: Torst, 2007.
- Pravidla českého pravopisu*. Praha: Academia, 1993.
- Silva, Dionísio da. *O caso Rubem Fonseca: violência e erotismo em Feliz Ano Novo*. São Paulo: Alfa – Omega, 1983.

Viegas, Ana Cristina Coutinho: *Literatura e consumo: o caso Rubem Fonseca*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002.

## 10. Anexos

### 10.1 Bibliografia completa do autor

Contos:

*Os prisioneiros* (1963)

*A coleira do cão* (1965)

*Lúcia McCartney* (1967)

*Feliz Ano Novo* (1975)

*O homem de Fevereiro ou Março* (1975)

*O cobrador* (1979)

*Romance negro e outras histórias* (1992)

*Contos reunidos* (1994)

*O Buraco na parede* (1995)

*Histórias de Amor* (1997)

*Confraria dos Espadas* (1998)

*Secreções, excreções e desatinos* (2001)

*Pequenas criaturas* (2002)

*Diário de um Fescenino* (2003)

*64 Contos de Rubem Fonseca* (2004)

*Ela e outras mulheres* (2006)

Romances:

*O caso Morel* (1973)

*A grande arte* (1983)

*Bufo & Spallanzani* (1986)

*Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (1988)

*Agosto* (1990)

*Romance negro, Feliz ano novo e outras histórias* (1996)

*Do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto* (1997)

*O doente Molière* (2000)

*Mandrake, a Bíblia e a Bengala* (2005)

Biografia:

*O Selvagem da Ópera* (1994)

Crónica:

*O Romance Morreu* (2007)

## 10.2 Bibliografia da obra publicada em checo

„Síla člověka“ (“A Força Humana”) in *Revue svetovej literatury* - tradução Miroslav Lenghardt. Ročník Dvanáctý, Praha, 1976.

„Osamělá srdce“ (“Corações Solitários”) in *Almanach Světové Literatury* - tradução Pavla Lidmilová. Praha: Odeon, 1986.

„Schöneberská svatá“ (“A Santa de Schöneberg”) – in *Třetí Břeh Řeky*, tradução Pavla Lidmilová. Praha: Dauphin, 1996.

Černý román a jiné povídky (*Romance Negro e Outras Histórias*) - tradução Pavla Lidmilová e Šárka Grauová. Praha: Argo, 2001.

*Mocné vášně a nedokonalé myšlenky* (*Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos*) - tradução Pavla Lidmilová. Praha: Argo, 2006.

## 10.3 Texto do conto em original

Na porta da rua uma dentadura grande, embaixo escrito Dr. Carvalho, Dentista. Na sala de espera vazia uma placa, Espere o Doutor, ele está atendendo um cliente. Esperei meia hora, o dente doendo, a porta abriu e surgiu uma mulher acompanhada de um sujeito grande, uns quarenta anos, de jaleco branco.

Entrei no gabinete, sentei na cadeira, o dentista botou um guardanapo de papel no meu pescoço. Abri a boca e disse que o meu dente de trás estava doendo muita. Ele olhou com um espelhinho e perguntou como é que eu tinha deixado os meus dentes ficarem naquele estado.

Só rindo. Esses caras são engraçados.

Vou ter que arrancar, ele disse, o senhor já tem poucos dentes e se não fizer um tratamento rápido vai perder todos os outros, inclusive estes aqui — e deu uma pancada estridente nos meus dentes da frente.

Uma injeção de anestesia na gengiva. Mostrou o dente na ponta do boticão: A raiz está podre, vê?, disse com pouco caso.

São quatrocentos cruzeiros.

Só rindo. Não tem não, meu chapa, eu disse.

Não tem não o quê?

Não tem quatrocentos cruzeiros. Fui andando em direção à porta.

Ele bloqueou a porta com o corpo. É melhor pagar, disse. Era um homem grande, mãos grandes e pulso forte de tanto arrancar os dentes dos fodidos. E meu físico franzino encoraja as pessoas. Odeio dentistas, comerciantes, advogadas, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito. Abri o blusão, tirei o 38, e perguntei com tanta raiva que uma gota de meu cuspe bateu na cara dele, -- que tal enfiar isso no teu cu? Ele ficou branco, recuou. Apontando o revólver para o peito dele comecei a aliviar o meu coração: tirei as gavetas dos armários, joguei tudo no chão, chutei os vidrinhos todos como se fossem balas, eles pipocavam e explodiam na parede. Arrebrantar os cuspidores e motores foi mais difícil, cheguei a machucar as mãos e os pés. O dentista me olhava, várias vezes deve ter pensado em pular em cima de mim, eu queria muito que ele fizesse isso para dar um tiro naquela barriga grande cheia de merda.

Eu não pago mais nada, cansei de pagar!, gritei para ele, agora eu só cobro!

Dei um tiro no joelho dele. Devia ter matado aquele filho da puta.

\* \* \*

A rua cheia de gente. Digo, dentro da minha cabeça, e às vezes para fora, está todo mundo me devendo! Estão me devendo comida, buceta, cobertor, sapato, casa, automóvel, relógio, dentes, estão me devendo. Um cego pede esmolas sacudindo uma cuia de alumínio com moedas. Dou um pontapé na cuia dele, o barulhinho das moedas me irrita. Rua Marechal Floriano, casa de armas, farmácia, banco, china, retratista, Light, vacina, médico, Ducal, gente aos montes. De manhã não se consegue andar na direção da Central, a multidão vem rolando como uma enorme lagarta ocupando toda a calçada.

\* \* \*

Me irritam esses sujeitos de Mercedes. A buzina do carro também me aporrinha. Ontem de noite eu fui ver o cara que tinha uma Magnum com silenciador para vender na Cruzada, e quando atravessava a rua um sujeito que tinha ido jogar tênis num daqueles clubes bacanas que tem por ali tocou a buzina. Eu vinha distraído pois estava pensando na Magnum, quando a buzina tocou. Vi que o carro vinha devagar e fiquei parado na frente.

Como é?, ele gritou.

Era de noite e não tinha ninguém perto. Ele estava vestido de branco. Saquei o 38 e atirei no pára-brisa, mais para estrunchar o vidro do que para pegar o sujeito. Ele arrancou com o carro, para me pegar ou fugir, ou as duas coisas. Pulei pro lado, o carro passou, os pneus sibilando no asfalto. Parou logo adiante. Fui até lá. O sujeito estava deitado com a cabeça para trás, a cara e o peito cobertos por milhares de pequeninos estilhaços de vidro. Sangrava muito de um ferimento feio no pescoço e a roupa branca dele já estava toda vermelha.

Girou a cabeça que estava encostada no banco, olhos muito arregalados, pretos, e o branco em volta era azulado leitoso, como uma jabuticaba por dentro. E porque o branco dos olhos dele era azulado eu disse — você vai morrer, ô cara, quer que eu te dê o tiro de misericórdia?

Não, não, ele disse com esforço, por favor.

Vi da janela de um edifício um sujeito me observando. Se escondeu quando olhei. Devia ter ligado para a polícia.

Saí andando calmamente, voltei para a Cruzada. Tinha sido muito bom estraçalhar o pára-brisa do Mercedes. Devia ter dado um tiro na capota e um tiro em cada porta, o lanterneiro ia ter que rebolar.

\* \* \*

O cara da Magnum já tinha voltado. Cadê as trinta milhas? Põe aqui nesta mãozinha que nunca viu palmatória, ele disse. A mão dele era branca, lisinha, mas a minha estava cheia de cicatrizes, meu corpo todo tem cicatrizes, até meu pau está cheio de cicatrizes.

Também quero comprar um rádio, eu disse pro muambeiro. Enquanto ele ia buscar o rádio eu examinei melhor a Magnum. Azeitadinha, e também carregada. Com o silenciador parecia um canhão.

O muambeiro voltou carregando um rádio de pilha.

É japonês, ele disse.

Liga para eu ouvir o som.

Ele ligou.

Mais alto, eu pedi.

Ele aumentou o volume.

Puf. Acho que ele morreu logo no primeiro tiro. Dei mais dois tiros só para ouvir puf, puf.

\* \* \*

Tão me devendo colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela no botequim da rua Vieira Fazenda, sorvete, bola de futebol.

Fico na frente da televisão para aumentar o meu ódio. Quando minha cólera está diminuindo e eu perco a vontade de cobrar o que me devem eu sento na frente da televisão e em pouco tempo meu ódio volta. Quero muito pegar um camarada que faz anúncio de uísque. Ele está vestidinho, bonitinho, todo sanforizado, abraçado com uma loura reluzente, e joga pedrinhas de gelo num copo e sorri com todos os dentes, os dentes dele são certinhos e são verdadeiros, e eu quero pegar ele com a navalha e cortar os dois lados da bochecha até as orelhas, e aqueles dentes branquinhos vão todos ficar de fora num sorriso de caveira vermelha. Agora está ali, sorrindo, e logo beija a loura na boca. Não perde por esperar.

Meu arsenal está quase completo: tenho a Magnum com silenciador, um Colt Cobra 38, duas navalhas, uma carabina 12, um Taurus 38 capenga, um punhal e um facão. Com o facão vou cortar a cabeça de alguém num golpe só. Vi no cinema, num desses países asiáticos, ainda no tempo dos ingleses um ritual que consistia em cortar a cabeça de um animal, creio que um búfalo, num golpe único. Os oficiais ingleses presidiam a cerimônia com um ar de enfado, mas os decapitadores eram verdadeiros artistas. Um golpe seco e a cabeça do animal rolava, o sangue esguichando.

\* \* \*

Na casa de uma mulher que me apanhou na rua. Coroa, diz que estuda no colégio noturno. Já passei por isso, meu colégio foi o mais noturno de todos os colégios noturnos do mundo, tão ruim que já não existe mais, foi demolido. Até a rua onde ele ficava foi demolida. Ela pergunta o que eu faço e digo que sou poeta, o que é rigorosamente verdade. Ela me pede que recite um poema meu. Eis: Os ricos gostam de dormir tarde/ apenas porque sabem que a corja/ tem que dormir cedo para trabalhar de manhã/ Essa é mais uma chance que eles/ têm de ser diferentes:/ parasitar,/ desprezar os que suam para ganhar a comida,/ dormir até tarde,/ tarde/ um dia/ ainda bem,/ demais./

Ela corta perguntando se gosto de cinema. E o poema? Ela não entende. Continuo: Sabia sambar e cair na paixão/ e rolar pelo chão/ apenas por pouco tempo./ Do suor do seu rosto nada fora construído./ Queria morrer com ela,/ mas isso foi outro dia,/ ainda outro dia./ No cinema Íris, na rua da Carioca/ o Fantasma da Ópera/ Um sujeito de preto,/ pasta preta, o rosto escondido,/ na mão um lenço branco imaculado,/ tocava punheta nos espectadores;/ na mesma época, em Copacabana,/ um outro/ que nem apelido tinha,/ bebia o mijo dos mictórios dos cinemas/ e o rosto dele era verde e inesquecível./ A História é feita de gente morta/ e o futuro de gente que vai morrer./ Você pensa que ela vai sofrer?/ Ela é forte; resistirá./ Resistiria também; se fosse fraca./ Agora você, não sei./ Você fingiu tanto tempo, deu socos e gritos, embusteu/ Você está cansado,/ você. acabou,/ não sei o que te mantém vivo./

Ela não entendia de poesia. Estava solo comigo e queria fingir indiferença, dava bocejos exasperados. A farsanteza das mulheres.

Tenho medo de você, ela acabou confessando.

Essa fodida não me deve nada, pensei, mora com sacrifício num quarto e sala, os olhos dela já estão empapuçados de beber porcarias e ler a vida das grã-finhas na revista Vogue.

Quer que te mate?, perguntei enquanto bebíamos uísque ordinário.

Quero que você me foda, ela riu ansiosa, na dúvida. Acabar com ela? Eu nunca havia esganado ninguém com as próprias mãos. Não tem muito estilo, nem drama, esganar-se alguém, parece briga de rua. Mesmo assim eu tinha vontade de esganar alguém, mas não uma infeliz daquelas. Para um zé-ninguém, só tiro na nuca?

Tenho pensado nisso, ultimamente. Ela tinha tirado a roupa: peitos murchos e chatos, os bicos passas gigantes que alguém tinha pisado; coxas flácidas com nódulos de celulite, gelatina estragada com pedaços de fruta podre.

Estou toda arrepiada, ela disse.

Deitei sobre ela. Me agarrou pelo pescoço, sua boca e língua na minha boca, uma vagina viscosa, quente e olorosa.

Fodemos.

Ela agora está dormindo.

Sou justo.

\* \* \*

Leio os jornais. A morte do muambeiro da Cruzada nem foi noticiada. O bacana do Mercedes com roupa de tenista morreu no Miguel Couto e os jornais dizem que foi assaltado pelo bandido Boca Larga. Só rindo.

Faço um poema denominado Infância ou Novos Cheiros de Buceta com U: Eis-me de novo/ ouvindo os Beatles/ na Rádio Mundial/ às nove horas da noite/ num quarto/ que poderia ser/ e era/ de um santo mortificado/ Não havia pecado/ e não sei por que me lepravam/ por ser inocente/ ou burro/ De qualquer forma/ o chão estava sempre ali/ para fazer mergulhos./ Quando não se tem dinheiro/ é bom ter músculos/ e ódio./

Leio os jornais para saber o que eles estão comendo, bebendo e fazendo. Quero viver muito para ter tempo de matar todos eles.

\* \* \*

Da rua vejo a festa na Vieira Souto, as mulheres de vestido longo, os homens de roupas negras. Ando lentamente, de um lado para o outro na calçada, não quero despertar suspeitas e o facão por dentro da calça, amarrado na perna, não me deixa andar direito. Pareço um aleijado, me sinto um aleijado. Um casal de meia-idade passa por mim e me olha com pena; eu também sinto pena de mim, manco e sinto dor na perna.

Da calçada vejo os garçons servindo champanha francesa. Essa gente gosta de champanha francesa, vestidos franceses, língua francesa.

Estava ali desde as nove horas, quando passara em frente, todo municiado, entregue à sorte e ao azar, e a festa surgira.

As vagas em frente ao apartamento foram logo ocupadas e os carros dos visitantes passaram a estacionar nas escuras ruas laterais. Um deles me interessou muito, um carro vermelho e nele um homem e uma mulher, jovens e elegantes. Caminharam para o edifício sem trocar uma palavra, ele ajeitando a gravata borboleta e ela o vestido e o cabelo. Prepararam-se para uma entrada triunfal mas da calçada vejo que a chegada deles foi, como a dos outros, recebida com desinteresse. As pessoas se enfeitam no cabeleireiro, no costureiro, no massagista e só o espelho lhes dá, nas festas, a atenção que esperam. Vi a mulher no seu vestido azul esvoaçante e murmurei — vou te dar a atenção que você merece, não foi à toa que você vestiu a sua melhor calcinha e foi tantas vezes à costureira e passou tantos cremes na pele e botou perfume tão caro.

Foram os últimos a sair. Não andavam com a mesma firmeza e discutiam irritados, vozes pastosas, enroladas.

Cheguei perto deles na hora em que o homem abria a porta do carro. Eu vinha mancando e ele apenas me deu um olhar de avaliação rápido e viu um aleijado inofensivo de baixo preço.

Encostei o revólver nas costas dele.

Faça o que mando senão mato os dois, eu disse.

Para entrar de perna dura no estreito banquinho de trás não foi fácil. Fiquei meio deitado, o revólver apontado para a cabeça dele. Mandei que seguisse para a Barra da Tijuca. Tirava o facão de dentro da perna quando ele disse, leva o dinheiro e o carro e deixa a gente aqui. Estávamos na frente do Hotel Nacional. Só rindo. Ele já estava sóbrio e queria tomar um último uisquinho enquanto dava queixa à polícia pelo telefone. Ah, certas pessoas pensam que a vida é uma festa. Seguimos pelo Recreio dos Bandeirantes até chegar a uma praia deserta. Saltamos. Deixei acesos os faróis.

Nós não Lhe fizemos nada, ele disse.

Não fizeram? Só rindo. Senti o ódio inundando os meus ouvidos, minhas mãos, minha boca, meu corpo todo, um gosto de vinagre e lágrima.

Ela está grávida, ele disse apontando a mulher, vai ser o nosso primeiro filho.

Olhei a barriga da mulher esguia e decidi ser misericordioso e disse, puf, em cima de onde achava que era o umbigo dela, desencarnei logo o feto. A mulher caiu emborcada. Encostei o revólver na têmpora dela e fiz ali um buraco de mina.

O homem assistiu a tudo sem dizer, uma palavra, a carteira de dinheiro na mão estendida. Peguei a carteira da mão dele e joguei pro ar e quando ela veio caindo dei-lhe um bico; de canhota, jogando a carteira longe.

Amarrei as mãos dele atrás das costas com uma corda que eu levava. Depois amarrei os pés.

Ajoelha, eu disse.

Ele ajoelhou.

Os faróis do carro iluminavam o seu corpo. Ajoelhei-me ao seu lado, tirei a gravata borboleta, dobrei o colarinho, deixando seu pescoço à mostra.

Curva a cabeça, mandei.

Ele curvou. Levantei alto o facão, seguro nas duas mãos; vi as estrelas no céu, a noite imensa, o firmamento infinito e desci o facão, estrela de aço, com toda minha força, bem no meio do pescoço dele.

A cabeça não caiu e ele tentou levantar-se, se debatendo como se fosse uma galinha tonta nas mãos de uma cozinheira incompetente. Dei-lhe outro golpe e mais outro e outro e a cabeça não rolava. Ele tinha desmaiado ou morrido com a porra da cabeça presa no pescoço. Botei o corpo sobre o páralama do carro. O pescoço ficou numa boa posição. Concentrei-me como um atleta que vai dar um salto mortal. Dessa vez, enquanto o facão fazia seu curto percurso mutilante zunindo fendendo o ar, eu sabia que ia conseguir o que queria. Brock! a cabeça saiu rolando pela areia. Ergui alto o alfanje e recitei: Salve o Cobrador! Dei um grito alto que não era nenhuma palavra, era um uivo comprido e forte, para que todos os bichos tremessem e saíssem da frente. Onde eu passo o asfalto derrete.

\* \* \*

Uma caixa preta debaixo do braço. Falo com a língua presa que sou o bombeiro que vai fazer o serviço no apartamento duscenthos e um. O porteiro acha graça na minha língua presa e me manda subir. Começo do último andar. Sou o bombeiro (língua normal agora) vim fazer o serviço. Pela abertura, dois olhos: ninguém chamou bombeiro não. Desço para o sétimo, a mesma coisa. Só vou ter sorte no primeiro andar.

A empregada me abriu a porta e gritou lá para dentro, é o bombeiro. Surgiu uma moça de camisola, um vidro de esmalte de unhas na mão, bonita, uns vinte e cinco anos.

Deve haver um engano, ela disse, nós não precisamos de bombeiro.

Tirei o Cobra de dentro da caixa. Precisa sim, é bom ficarem quietas senão mato as duas. Tem mais alguém em casa? O marido estava trabalhando e o menino no colégio. Amarrei a empregada, fechei sua boca com esparadrapo. Levei a dona pro quarto.

Tira a roupa.

Não vou tirar a roupa, ela disse, a cabeça erguida. Estão me devendo xarope, meia, cinema, filé mignon e buceta, anda logo. Dei-lhe um murro na cabeça. Ela caiu na cama, uma marca vermelha na cara. Não tiro. Arranquei a camisola, a calcinha. Ela estava sem sutiã. Abri-lhe as pernas. Coloquei os meus joelhos sobre as suas coxas. Ela tinha uma pentelheira basta e negra. Ficou quieta, com olhos fechados. Entrar naquela floresta escura não foi fácil, a buceta era apertada e seca. Curvei-me, abri a vagina e cuspi lá dentro, grossas cusparadas. Mesmo assim não foi fácil, sentia o meu pau esfolando. Deu um gemido quando enfiei o cacete com toda força até o fim. Enquanto enfiava e tirava o pau eu lambia os peitos dela, a orelha, o pescoço, passava o dedo de leve no seu cu, alisava sua bunda. Meu pau começou a ficar lubrificado pelos sucos da sua vagina, agora morna e viscosa.

Como já não tinha medo de mim, ou porque tinha medo de mim, gozou primeiro do que eu. Com o resto da porra que saía do meu pau fiz um círculo em volta do umbigo dela.

Vê se não abre mais a porta pro bombeiro, eu disse, antes de ir embora.

\*\*\*

Saio do sobrado da rua Visconde de Maranguape. Uma panela em cada molar cheio de cera do Dr. Lustosa/ mastigar com os dentes da frente/ punheta pra foto de revista/ livros roubados./ Vou para a praia.

Duas mulheres estão conversando na areia; uma tem o corpo queimado de sol, um lenço na cabeça; a outra é clara, deve ir pouco à praia; as duas têm o corpo muito bonito; a bunda da clara é a bunda mais bonita entre todas que já vi.

Sento perto, e fico olhando. Elas percebem meu interesse e começam logo a se mexer, dizer coisas com o corpo, fazer movimentos aliciantes com os rabos. Na praia somos todos iguais, nós os fodidos e eles. Até que somos melhores pois não temos aquela barriga grande e a bunda mole dos parasitas. Eu quero aquela mulher branca! Ela inclusive está interessada em mim, me lança olhares. Elas riem, riem, dentantes. Se despedem e a branca vai andando na direção de Ipanema, a água molhando os seus pés. Me aproximo e vou andando junto, sem saber o que dizer.

Sou uma pessoa tímida, tenho levado tanta porrada na vida, e o cabelo dela é fino e tratado, o seu tórax é esbelto, os seios pequenos, as coxas são sólidas e redondas e musculosas e a bunda é feita de dois hemisférios rijos. Corpo de bailarina.

Você estuda balé?

Estudei, ela diz. Sorri para mim. Como é que alguém pode ter boca tão bonita? Tenho vontade de lamber dente por dente da sua boca. Você mora por aqui?, ela pergunta. Moro, minto. Ela me mostra um prédio na praia, todo de mármore.

\* \* \*

De volta à rua Visconde de Maranguape. Faço hora para ir na casa da moça branca. Chama-se Ana. Gosto de Ana, palindrômico. Afio o facão com uma pedra especial, o pescoço daquele janota era muito duro. Os jornais abriram muito espaço para a morte do casal que eu justicei na Barra. A moça era filha de um desses putos que enriquecem em Sergipe ou Piauí, roubando os paus-de-araras, e depois vêm para o Rio, e os filhos de cabeça chata já não têm mais sotaque, pintam o cabelo de louro e dizem que são descendentes de holandeses.

Os colunistas sociais estavam consternados. Os granfas que eu despachei estavam com viagem marcada para Paris. Não há mais segurança nas ruas, dizia a manchete de um jornal. Só rindo. Joguei uma cueca pro alto e tentei cortá-la com o facão, como o Saladino fazia (com um lenço de seda) no cinema.

Não se fazem mais cimitarras como antigamente/ Eu sou uma hecatombe/ Não foi nem Deus nem o Diabo/ Que me fez um vingador/ Fui eu mesmo/ Eu sou o Homem Pênis/ Eu sou o Cobrador./

Vou no quarto onde Dona Clotilde está deitada há três anos. Dona Clotilde é dona do sobrado.

Quer que eu passe o escovão na sala?, pergunto.

Não meu filho, só queria que você me desse a injeção de trinevral antes de sair.

Fervo a seringa, preparo a injeção. A bunda de Dona Clotilde é seca como uma folha velha e amassada de papel de arroz.

Você caiu do céu, meu filho, foi Deus que te mandou, ela diz.

Dona Clotilde não tem nada, podia levantar e ir comprar coisas no supermercado. A doença dela está na cabeça. E depois de três anos deitada, só se levanta para fazer pipi e cocô, ela não deve mesmo ter forças.

Qualquer dia dou-lhe um tiro na nuca.

\* \* \*

Quando satisfaço meu ódio sou possuído por uma sensação de vitória, de euforia que me dá vontade de dançar — dou pequenos uivos, grunhidos, sons inarticulados, mais próximos da música do que da poesia, e meus pés deslizam pelo chão, meu corpo se move num ritmo feito de gingas e saltos, como um selvagem, ou um macaco.

Quem quiser mandar em mim pode querer, mas vai morrer. Estou querendo muito matar um figurão desses que mostram na televisão a sua cara paternal de velhaco bem-sucedido, uma pessoa de sangue engrossado por caviars e champãs. Come caviar/ teu dia vai chegar./ Estão me devendo uma garota de vinte anos, cheia de dentes e perfume. A moça do prédio de mármore? Entro e ela está me esperando, sentada na sala, quieta, imóvel, o cabelo muito preto, o rosto branco, parece uma fotografia.

Vamos sair, eu digo para ela. Ela me pergunta se estou de carro. Digo que não tenho carro. Ela tem. Descemos pelo elevador de serviço e saímos na garagem, entramos num Puma conversível.

Depois de algum tempo pergunto se posso dirigir e trocamos de lugar. Petrópolis está bem?, pergunto. Subimos a serra sem dizer uma palavra, ela me olhando. Quando chegamos a Petrópolis ela pede que eu pare num restaurante. Digo que não tenho dinheiro nem fome, mas ela tem as duas coisas, come vorazmente como se a qualquer momento fossem levar o prato embora. Na mesa ao lado um grupo de jovens bebendo e falando alto, jovens executivos subindo na sexta-feira e bebendo antes de encontrar a madame toda enfeitada para jogar biriba ou falar da vida alheia enquanto traçam queijos e vinhos. Odeio executivos. Ela acaba de comer. E agora? Agora vamos voltar, eu digo, e descemos a serra, eu dirigindo como um raio, ela me olhando. Minha vida não tem sentido, já pensei em me matar, ela diz. Paro na rua Visconde de Maranguape. É aqui que você mora? Saio sem dizer nada. Ela sai atrás: vou te ver de novo? Entro e enquanto vou subindo as escadas ouço o barulho do carro partindo.

\* \* \*

Top Executive Club. Você merece o melhor relax, feito de carinho e compreensão. Nossas massagistas são completas. Elegância e discrição.

Fica quieto senão chumbo a sua barriga executiva.

Ele tem o ar petulante e ao mesmo tempo ordinário do ambicioso ascendente egresso do interior, deslumbrado de coluna social, comprista, eleitor da Arena, católico,

curtilista, patriota, mordomista e bocalivrista, os filhos estudando na PUC, a mulher transando decoração de interiores e sócia de boutique.

Como é executivo, a massagista te tocou punheta ou chupou teu pau?

Você é homem, sabe como é, entende essas coisas, ele disse. Papo de executivo com chofer de táxi ou ascensorista. De Botucatu para a Diretoria, acha que já enfrentou todas as situações de crise.

Não sou homem porra nenhuma, digo suavemente, sou o Cobrador.

Sou o Cobrador!, grito.

Ele começa a ficar da cor da roupa. Pensa que sou maluco e maluco ele ainda não enfrentou no seu maldito escritório refrigerado.

Vamos para sua casa, eu digo.

Eu não moro aqui no Rio, moro em São Paulo, ele diz. Perdeu a coragem, mas não a esperteza. E o carro?, pergunto. Carro, que carro? Este carro, com a chapa do Rio? Tenho mulher e três filhos, ele desconversa. Que é isso? Uma desculpa, senha, habeas-corpus, salvo-conduto? Mando parar o carro. Puf, puf, puf, um tiro para cada filho, no peito. O da mulher na cabeça, puf.

\* \* \*

Para esquecer a moça que mora no edifício de mármore vou jogar futebol no aterro. Três horas seguidas, minhas pernas todas escalavradas das porradas que levei, o dedão do pé direito inchado, talvez quebrado. Sento suado ao lado do campo, junto de um crioulo lendo O Dia. A manchete me interessa, peço o jornal emprestado, o cara diz se tu quer ler o jornal por que não compra? Não me chateio, o crioulo tem poucos dentes, dois ou três, tortos e escuros. Digo, tá, não vamos brigar por isso. Compro dois cachorros-quentes e duas cocas e dou metade pra ele e ele me dá o jornal. A manchete diz: Polícia à procura do louco da Magnum. Devolvo o jornal pro crioulo. Ele não aceita, ri para mim enquanto mastiga com os dentes da frente, ou melhor com as gengivas da frente que de tanto uso estão afiadas como navalhas. Notícia do jornal: Um grupo de grã-finos da zona sul em grandes preparativos para o tradicional Baile de Natal — Primeiro Grito de Carnaval. O baile começa no dia vinte e quatro e termina no dia primeiro do Ano Novo; vêm fazendeiros da Argentina, herdeiros da Alemanha, artistas americanos, executivos japoneses, o parasitismo internacional. O Natal virou mesmo uma festa. Bebida, folia, orgia, vadiagem.

O Primeiro Grito de Carnaval. Só rindo. Esses caras são engraçados.

Um maluco pulou da ponte Rio-Niterói e boiou doze horas até que uma lancha do Salvamar o encontrou. Não pegou nem resfriado.

Um incêndio num asilo matou quarenta velhos, as famílias celebraram.

\* \* \*

Acabo de dar a injeção de trinevral em Dona Clotilde quando tocam a campainha. Nunca tocam a campainha do sobrado. Eu faço as compras, arrumo a casa. Dona Clotilde não tem parentes. Olho da sacada. É Ana Palindrômica.

Conversamos na rua. Você está fugindo de mim?, ela pergunta. Mais ou menos, digo. Vou com ela pro sobrado. Dona Clotilde, estou com uma moça aqui, posso levar pro quarto? Meu filho, a casa é sua, faça o que quiser, só quero ver a moça.

Ficamos em pé ao lado da cama. Dona Clotilde olha para Ana um tempo enorme. Seus olhos se enchem de lágrimas. Eu rezava todas as noites, ela soluça, todas as noites para você encontrar uma moça como essa. Ela ergue os braços magros cobertos de finas pelancas para o alto, junta as mãos e diz, oh meu Deus, como vos agradeço!

Estamos no meu quarto, em pé, sobancelha com sobancelha, como no poema, e tiro a roupa dela e ela a minha e o corpo dela é tão lindo que sinto um aperto na garganta, lágrimas no meu rosto, olhos ardendo, minhas mãos tremem e agora estamos deitados, um no outro, entrançados, gemendo, e mais, e mais, sem parar, ela grita; a boca aberta, os dentes brancos como de um elefante jovem, ai, ai, adoro a tua obsessão!, ela grita, água e sal e porra jorram de nossos corpos, sem parar.

Agora, muito tempo depois, deitados olhando um para o outro hipnotizados até que anoitece e nossos rostos brilham no escuro e o perfume do corpo dela traspasa as paredes do quarto.

Ana acordou primeiro do que eu e a luz está acesa. Você só tem livros de poesia? E estas armas todas, pra quê? Ela pega a Magnum no armário, carne branca e aço negro, aponta pra mim. Sento na cama.

Quer atirar? pode atirar, a velha não vai ouvir. Mais para cima um pouco. Com a ponta do dedo suspendo o cano até a altura da minha testa. Aqui não dói.

Você já matou alguém? Ana aponta a arma pra minha testa.

Já.

Foi bom?

Foi.

Como?

Um alívio.

Como nós dois na cama?

Não, não, outra coisa. O outro lado disso.

Eu não tenho medo de você, Ana diz.

Nem eu de você. Eu te amo.

Conversamos até amanhecer. Sinto uma espécie de febre. Faço café pra Dona Clotilde e levo pra ela na cama. Vou sair com Ana, digo. Deus ouviu minhas preces, diz a velha entre goles.

\* \* \*

Hoje é dia vinte e quatro de dezembro, dia do Baile de Natal ou Primeiro Grito de Carnaval. Ana Palindrômica saiu de casa e está morando comigo. Meu ódio agora é diferente. Tenho uma missão. Sempre tive uma missão e não sabia. Agora sei. Ana me ajudou a ver. Sei que se todo fodido fizesse como eu o mundo seria melhor e mais justo. Ana me ensinou a usar explosivos e acho que já estou preparado para essa mudança de escala. Matar um por um é coisa mística e disso eu me libertei. No Baile de Natal mataremos convencionalmente os que pudermos. Será o meu último gesto romântico incoseqüente. Escolhemos para iniciar a nova fase os compristas nojentos de um supermercado da zona sul. Serão mortos por uma bomba de alto poder explosivo. Adeus, meu facão, adeus meu punhal, meu rifle, meu Colt Cobra, adeus minha Magnum, hoje será o último dia em que vocês serão usados. Beijo o meu facão. Explodirei as pessoas, adquirirei prestígio; não serei apenas o louco da Magnum. Também não sairei mais pelo parque do Flamengo olhando as árvores; os troncos, a raiz, as folhas, a sombra, escolhendo a árvore que eu queria ter, que eu sempre quis ter, num pedaço de chão de terra batida. Eu as vi crescer no parque e me alegrava quando chovia e a terra se empapava de água, as folhas lavadas de chuva, o vento balançando os galhos, enquanto os carros dos canalhas passavam velozmente sem que eles olhassem para os lados. Já não perco meu tempo com sonhos.

O mundo inteiro saberá quem é você, quem somos nós, diz Ana.

Notícia: O Governador vai se fantasiar de Papai Noel. Notícia: menos festejos e mais meditação, vamos purificar o coração. Notícia: Não faltará cerveja. Não faltarão perus.

Notícia: Os festejos natalinos causarão este ano mais vítimas de trânsito e de agressões do que nos anos anteriores. Polícia e hospitais preparam-se para as comemorações de Natal. O Cardeal na televisão: a festa de Natal está deturpada, o seu sentido não é este,

essa história de Pagai Noel é uma invenção infeliz. O Cardeal afirma que Papai Noel é um palhaço fictício.

Véspera de Natal é um bom dia para essa gente pagar o que deve, diz Ana. O Papai Noel do baile eu mesmo quero matar com o facão, digo.

Leio para Ana o que escrevi, nosso manifesto de Natal, para os jornais. Nada de sair matando a esmo, sem objetivo definido. Eu não sabia o que queria, não buscava um resultado prático, meu ódio estava sendo desperdiçado. Eu estava certo nos meus impulsos, meu erro era não saber quem era o inimigo e por que era inimigo. Agora eu sei, Ana me ensinou. E o meu exemplo deve ser seguido por outros, muitos outros, só assim mudaremos o mundo. É a síntese do nosso manifesto.

Ponho as armas numa mala. Ana atira tão bem quanto eu, só não sabe manejar o facão, mas essa arma agora é obsoleta. Damos até logo à Dona Clotilde. Botamos a mala no carro. Vamos ao Baile de Natal. Não faltará cerveja, nem perus. Nem sangue. Fecha-se um ciclo da minha vida e abre-se outro.